

REVISTA MODERNA

Magazine Quinzenal Illustrado

Director : M. Botelho

Revista Moderna

Artes e Letras

Summario :

O MARQUEZINHO DE BLANDFORD
Eça de Queiroz

A VIAGEM DOS REIS DE PORTUGAL
AO ALGARVE
Arnaldo Fonseca

MACHADO DE ASSIS
Majalhões de Azeredo

LIVROS NOVOS
E. P.

JOSÉ FRALDÃO
Trindade Coelho

A QUINZENA POLITICA
M. Botelho

O ANEL DOS DORIAS
Robert

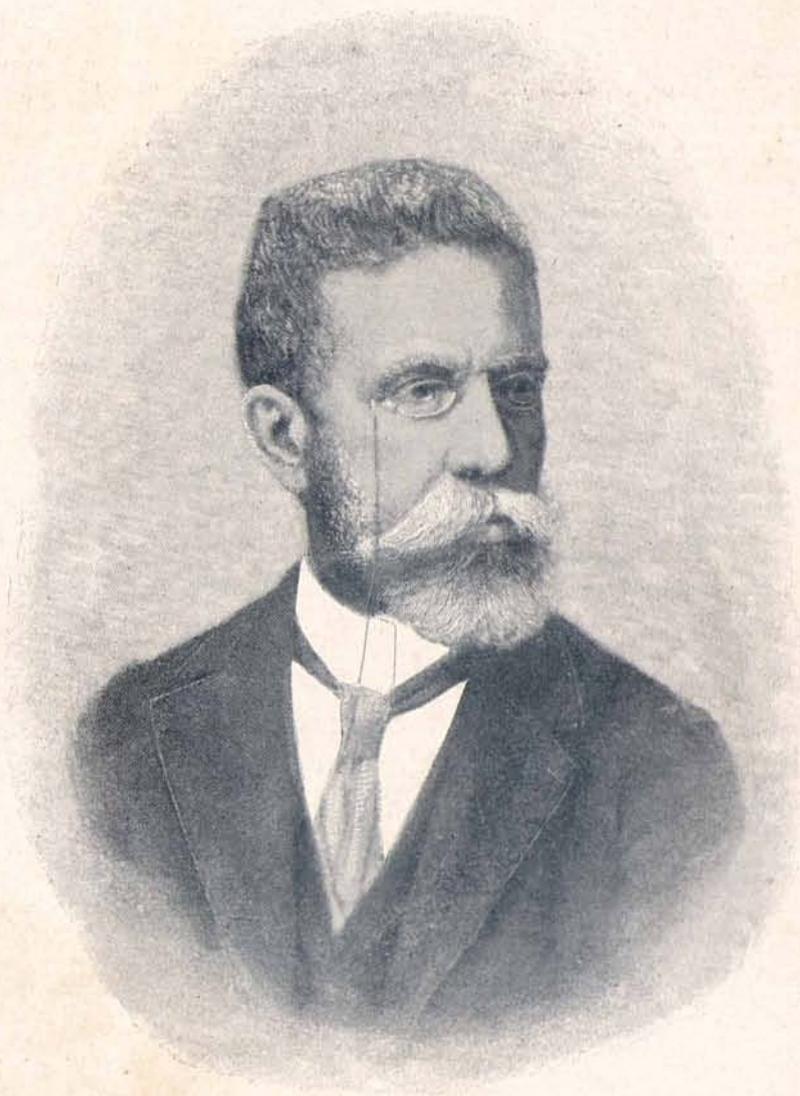
NOTICIARIO ILLUSTRADO
SPORT

O presente numero é acompanhado de um hors texte :

O Retrato de MACHADO DE ASSIS

E DE UM

SUPPLEMENTO DE MODAS



Machado de Assis.

MAPLE E CIA

Tottenham Court Road
LONDRES

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - LONDRES



MAPLE E CIA

Rua Boudreau (Perto da Opera)
PARIS

ENDEREÇO TELEGRAPHICO
MAPLE - PARIS

Fornecedores de S. Graciosa Magestade a Rainha
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

LISTA dos principaes Hoteis, Bancos, Clubs e Grandes Repartições Publicas na Europa e America mobiliadas pela casa MAPLE e Cia.

<ul style="list-style-type: none"> » Ellysée Palace Hotel, Avenue des Champs-Élysées, Paris » Turf Club, Lisbonne » The Grand Hotel, Trafalgar Square » Hotel Métropole, Monte-Carlo » Hotel Métropole, Cannes » Cavalry Club, Piccadilly » New Traveller's Club, Piccadilly » Imperial Hotel, Bournemouth » Knowle Hotel, Sidmouth » Prince of Wales Hotel, Holyhead » St. Stephen's Club, Westminster » Junior Constitutional Club, Piccadilly » Great Northern Hotel, King's Cross » Euston and Victoria Hotels, Euston Square » Turf Club, Piccadilly » Brighton New Club, Brighton » Stirling County Club, Stirling » Racquet Club, Liverpool » Cliftonville Hotel, Margate (part refurnishing) » Royal Forest Hotel, Chingford » Buckingham Palace Hotel, S. W. (new wing) » Voikaraad, Pretoria » Royal Hotel, South Shields » Royal Holloway College, Virginia Water » Hotel Cap Martin, Montone » Riviera Palace Hotel, Cimiez » Sosphorus Summer Palace Hotel and Club, Therapia » British Club, Paris 	<ul style="list-style-type: none"> » The Kimberley Club, Kimberley » Hotel Burlington, Sunny Boscombe » First Avenue Hotel, Holborn » Constitutional Club, Northumberland Avenue » Government House, Simla » Burlington Hotel, Old Burlington Street » Hotel Victoria, Northumberland Avenue » Royal Station Hotel, Hull (for North Eastern Railway) » Great Eastern Hotel, Parkstone » Grand Hotel, Brighton (new bedroom wings) » Liverpool Club, Liverpool » Victoria Club, Jersey » West Cumberland Club, Whitehaven » Maivern House Hydropathic Establishment, Buxton » Charing Cross Hotel, new wing (50 bedrooms) » Jockey Club, Newmarket » Devonshire Park Pavilion, Eastbourne » Crewe Hotel, Crewe, for L. & N. W. Ry. Co. » Devonshire Park Theatre, Eastbourne » Limmer's Hotel, Hanover Square » The Pump House Hotel, Llantriflod Wells » Sackville Hotel, Bezhill-on-Sea » Plough Hotel, Northampton » Grand Hotel, Peterborough » Grand Atlantic Hotel, Weston-Super-Mare » Grand Hotel, Jersey » Grand Hotel, Lowestoft » Esplanade Hotel, Seaton 	<ul style="list-style-type: none"> » The Coburg Hotel, Grosvenor Square » Hotel Métropole, London » Hotel Métropole, Brighton » Great Eastern Hotel, Liverpool Street » Savoy Hotel, Victoria Embankment » Le Cercle d'Orient, Pera » Le Cercle, Smyrna » Le Cercle Khedival, Alexandria » Le Cercle Bilbao, Spain » Le Cercle de Residentes Étrangères, Rosario » The Hellenic Club, Smyrna » Hotel St. George, Mustapha Superior » Station Hotel, York (for North Eastern Railway Company) » Queen's Hotel, Birmingham » County Hotel, Newcastle » Grand Hotel, Northampton » Burlington Hotel, Eastbourne » Park Hotel, Preston » Hotel Carol 1^{ra}, Kustandjio, Roumania » Senate House, Buenos Ayres » Central Station Hotel, Glasgow » Royal London Yacht Club, Cowes » Royal Spithead Hotel, Isle of Wight » L. & N. W. Railway Hotel, North Wall, Dublin » Avenida Palace Hotel, Lisbon. » Eatsbourne Hydropathic Establishment, Eastbourne » Buxton Hydropathic Establishment, Buxton
--	---	--

Vêr o annuncio na quarta capa, lado exterior

Devido ás grandes despesas que a *Revista Moderna* é forçada a saldar mensalmente, pedimos a todos os nossos assignantes o obsequio de pagarem as suas assignaturas no acto da subscrição.

AGENCIA GERAL EM PORTUGAL

A direcção da *Revista Moderna* tem o prazer de comunicar aos seus estimados leitores que a importante casa editora de

ANTONIO MARIA PEREIRA

aceitou, para o futuro, a representação da nossa *Revista* em Portugal. Todas as communicações relativas ao movimento administrativo da *Revista Moderna* n'esse paiz, devem pois ser dirigidas ao

NOSSO UNICO AGENTE O S^{NR}

ANTONIO MARIA PEREIRA

Livreiro-Editor, 50-54, rua Augusta, Lisboa

A excellente reputação d'esta casa-editora é mais uma garantia para os nossos assignantes e leitores da regularidade e boa execução do nosso serviço.

A *Revista Moderna* — á parte a sua feição litteraria — é um CORREIO ILLUSTRADO creado exclusivamente para o Brazil e não pretende de modo algum tomar logar, entre as publicações de actualidade destinadas á Europa.

A responsabilidade de cada artigo inserido na *REVISTA MODERNA*, incumbe ao seu respectivo autor.

REVISTA MODERNA

Director : M. BOTELHO

MAGAZINE QUINZENAL ILLUSTRADO. — 48, Rue de Laborde. PARIZ.

A NOSSA COLLABORAÇÃO

A *Revista Moderna*, continuando os seus esforços para obter a melhor collaboração portugueza e brazileira tem o prazer d'annunciar aos seus leitores que a partir do mez de Dezembro proximo, a eminente escriptora portugueza :

MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO honrará as nossas paginas com a sua brilhante collaboração.

Muito proximamente tambem a *Revista Moderna*, publicará um notavel trabalho de conhecido litterato :

ABEL BOTELHO

A quem a moderna litteratura portugueza deve algumas das obras mais originaes e mais caracteristicas.

O nosso Supplemento Mensal de Modas

Encartado n'este nosso numero 9 acharão as nossas amaveis leitoras o **SUPPLEMENTO MENSAL DE MODAS** que ultimamente annunciamos e que, estamos certos, agradará bastante, pois é uma verdadeira colleção de todos os modelos mais elegantes, dados pelos jornaes de modas parisienses, que são incontestavelmente os melhores do mundo.

ALMANAK MODERNO

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio, que mais adeante fazemos d'esta nossa publicação que apparecerá no proximo mez de Dezembro.

O NOSSO PROXIMO NUMERO

EÇA DE QUEIROZ.

O nosso proximo numero de **20 DE NOVEMBRO**, que começará a publicar **A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES**, será exclusivamente consagrado ao grande escriptor portuguez.

N'esse numero—a par de uma collaboração escolhida e firmada pelos primeiros nomes da litteratura portugueza contemporanea — daremos interessantes documentos illustrados sobre a vida litteraria e intima de **EÇA DE QUEIROZ** : Authographs, retratos, phothographias, etc., etc.

Este numero da **REVISTA MODERNA**, corresponde ao desejo tantas vezes manifestado pelos nossos leitores de possuirem retratos de **EÇA DE QUEIROZ** e é ao mesmo tempo uma homenagem da **REVISTA MODERNA** ao seu dedicado e eminente collaborador.

MAPLE ET COMP^a.

Chamamos a attenção dos nossos leitores da Europa e do Brazil para o annuncio que faz na nossa Revista a grande e importantissima casa de moveis inglezes de Maple e Comp^a. Essa poderosa empresa, que possui em Londres, em Tottehnem Court Road, um dos mais grandiosos e mais bellos estabelecimentos, acaba de fundar em Pariz uma succursal de primeira ordem, sita á rua Boudreau, perto da Opera. A casa de Pariz, objecto das visitas constantes da melhor sociedade franceza e estrangeira, expõe nas suas vastas salas, completas colleções de moveis do mais puro gosto e do mais confortavel e elegante estylo.

RECEBEMOS E AGRADECEMOS.

Revue du Brésil. — 56, Rue Saint-Georges, Pariz, Director : **A. D'Atri**. O ultimo numero d'esta importante publicação vem, como sempre, particularmente interessante e documentado sobre os negocios do Brazil.

A' *Revue du Brazil*, que entra agora no seu segundo anno d'existencia, desejamos prospero e largo futuro.

Revue Illustrée. — Editores **Ludovic Baschet**, 12, rue de l'Abbaye, Pariz. Mais uma vez esta bella publicação dá provas do seu fino gosto artistico, na publicação de curiosos documentos illustrados sobre a Hespanha, photographias pittorescas e verdadeiramente artisticas que mostram o lado poetico e curioso da patria de Cervantes. O ultimo numero da *Revue Illustrée* dá tambem o retrato de Armand Dayot.

Le Brésil. — 19, Boulevard Montmartre, Pariz. — Este semanario, que regularmente informa a Europa dos mais importantes acontecimentos do Brazil, continua a ser, como elle justamente se intitula o **correio da America do Sul**.

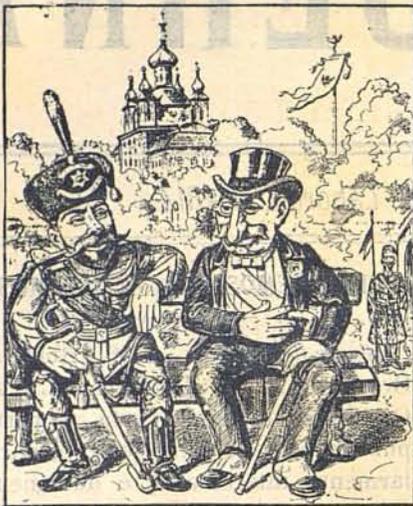
Este seu ultimo numero traz grandes noticias sobre os ultimos acontecimentos, noticias que são da maior actualidade.

Le Sport Universel Illustré — Revue hebdomadaire de tous les Sports et de l'Eleavage — 13, rue de Londres, Pariz.

Recebemos este excellente jornal de *Sport*, um dos mais importantes que se publicam e certamente o que mais autoridade e cuidado artistico põe na escolha dos seus documentos photographicos sempre muito curiosos e interessantes.

Revista Illustrada — O numero 733 d'esta humoristica publicação continua brilhantemente, a analyse, em caricatura da sociedade brazileira contemporanea e do mundo politico actual.

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



Do Pilori (Pariz).

UMA SCENA EM PETERHOF

NICOLAU. — Então o que é que vossê admira mais aqui?
FELIX. — Oh Magestade! certamente de estar ao seu lado.



Punch, de Londres.

ALSACIA E A LORENA. — Bons dias Sr Presidente, o Sr. nos trouxe alguma cousa da Russia?
ELLE (confuso). — Oh! encontrar taes importunas em semelhante momento.



Pilori (Pariz).

NICOLAU A GUILLIERME

Meu caro primo, eis o problema da situação.



Grelot (Pariz).

Felix Faure e Leão XIII começam as manobras eleitoraes em França.



Silhouette (Pariz).

ABDUL HAMID, Figaro europeu. — É amanhã que se barbea de graça e que se assigna a paz: que vossês me querem impôr.



Grelot (Pariz).

Hanotaux dorme tranquillamente garantido pela paz Franco-Russa, Guilhaume o Furibundo organiza incidentes de fronteira, em quanto que Felix o Grande, caça lebrês na sua Residencia de outonno



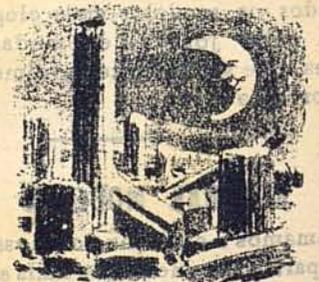
Fischietto (Turim).

O tio Jonathas dá à Hespanha o conselho amigavel de pacificar Cuba em quinze dias.



Times Herald (Chicago).

O MUNDO ÀS AVESSAS. — A Turquia arrastando as potencias christãs.



Fischietto (Turim).

RESULTADOS DA GUERRA

A Grecia conseguiu novas e authenticas ruínas para mostrar aos futuros viajantes.

O Marquezinho de Blandford^(*)

BEM sei, meu Deus, que nem todas as crianças podem nascer sobre as palhas de um curral, entre a vaquinha e o burrinho, com uma grande estrella espreitando, deslumbrada, atravez das vigas rôtas do telhado! Muitas crianças têm necessariamente de nascer n'um quarto aconchegado, bem tapetado, onde as fraldinhas finas aquecem deante d'um lume alegre, e a gorda ama espera, risonhamente desabotoada, sustentando o peito enorme, tumida promessa de todas as abundancias. Outras mesmo, e numerosas, são forçadas a encetar a vida com tradicional sumptuosidade, logo lavadas em velhas e pesadas bacias de prata, deitadinhas logo, sob preciosas rendas, em berços de mais rico lavor que uma alfaia d'altar... Assim o determina a Lei immutavel e rigida das desigualdades humanas.

Mas realmente este recente e pobre Marquezinho de Blandford, filho primeiro do Duque de Marlborough, entrou no mundo entre pompas e riquezas d'uma excessiva, quasi inhumana severidade. Todos os Jornaes da Europa e da America, em fila pasmada, e o velho *Times* na frente d'elles gaguejando d'emoção, desenrolam reverentemente a lista d'esses terriveis esplendores: e essa lista, na verdade, arripia! Para crear e realisar, com um luxo inedito na Historia do Luxo, o enxoval d'este pobre Marquezinho, sua avó veneravel abrio um concurso d'Arte entre todos os artistas de raça Anglo-Saxonia: e assim tal illustre pintor d'Historia Sacra velou mezes para conceber o feitio sublime d'um cueiro; tal architecto, interrompendo uma Cathedral, espremeu todo o seu genio nos ornatos d'um sapatinho... Mas tambem que maravilhas! Uma das colehas do seu berço absolutamente offusca, pela nobre elegancia e imaginosa invenção dos bordados em relevo d'ouro, as portas do Baptisterio de Florença. N'algumas das toucas ha ornamentações subtís, gracilidades rebrilhantes de gemmas entrelaçadas, que os nossos velhos ourives do seculo XVI não sonharam ao trabalhar na custódia de D. Manoel feita com as pareas d'Oriente..

Mas, como a belleza puramente esthetica d'este enxoval não impressionaria a alma das nossas Democracias utilitarias, todos os Jornaes, e na frente d'elles o *Times* com as folhas a palpitar d'orgulho, proclamaram o preço minucioso, em divina moeda sonante, de todos estes prodigios. Assim sabemos louvado Deus! que cada cueiro (e o Marquezinho de Blandford muito previdentemente possui doze duzias) custou a somma de quinze mil réis em bom papel de Portugal, que correspondem, em papel tambem bom do Brazil a uns cincoenta ou sessenta mil magnificentissimos réis. Despeza de resto perfeitamente discreta; — apenas, em moeda portugueza, dous contos de réis de cueirinhos. As camisinhas são cincoenta — e d'estas ha vinte

e cinco muito singelas, muito despretenciosas, bocadinhos de cambraia leve e fragil como um floco de neve d'Abril, destinadas pudicamente á intimidade materna, que valem cada uns cincoenta mil réis. Para uma camisa de criancinha, que terá a deliciosa responsabilidade de roçar carnhina divinamente innocente, não é um preço impudente. As outras vinte e cinco camisas, essas sim, foram pagas, cada uma, segundo confirmam os Jornaes de New-York com um justo rubor de gloria, a cento e cincoenta e mesmo duzentos mil réis! Mas quê! São camisinhas de gala, para os dias nobres em que um Imperador, ou um Rothschild, ou mesmo talvez um poderosissimo fabricante de chouriços de Chicago, tome nos seus braços augustos, por um momento, com inquietação e affastando as calças, o herdeirinho da casa de Marlborough. Todavia, relativamente mais sumptuosos me parecem os babeiros, onde se desenrolam, por entre os bordados que grandes Artistas desenharam, disticos galantes e piedosos que finos Poetas rimaram. Cada um, sem contar o preço do verso e do debuxo, só pelo tecido e renda que o orla, ficou pela somma já impertigada e ducal de vinte mil réis... Os jornaes serios de Londres divergem dos jornaes serios de New-York sobre o numero exacto d'estes babeiros. Eu pendo (e os Historiadores do seculo XX penderão commigo) para a versão dos Inglezes, sempre mais rigorosos em materia d'investigação historica, que affirmam serem os babeiros trezentos e oitenta — quinze mais, portanto, do que os vestidos que possuia a grande rainha Isabel, quando, destruida a Grande Armada, ella tomou o sceptro dos mares. Em quanto ás capas, toda a Imprensa harmoniosamente concorda: são quarenta: a raridade preciosa das pelles lucha n'ellas com a preciosa antiguidade das rendas: e as mais simples e lisas custaram entre formosos quatrocentos e formosissimos quinhentos mil réis. Dos vestidos porem não vos posso contar, oh mães attonitas d'aquem e d'alem-mar, porque os jornaes de New-York e de Londres, tão rijamente habituados ás emoções da Historia ambiente, ao atacar este capitulo dos vestidos do Marquezinho de Blandford, apenas balbuciam, deslumbrados, com as letras todas a arfar: — « *Um prodigio! Um sonho! Uma vertigem!* »... Quanto teriam custado estas duzias de vertigens? Meu Deus! ponhamos uns delgados sessenta contos — e passemos, respeitosos.

Todo este temeroso enxoval, de que o Marquezinho de Blandford é o inconsciente manequim, está marcado com o seu brazão, a sua corôa, o seu mote. Assim, Escudo-de-armas, em arrogante relevo, sobre as toucas, sobre cada sapatinho, entre os bordados das meias, na frente dos babeiros que tomam a rijeza heraldica de dalmaticas de Arautos! Assim, Escudo-d'armas nas fraldas, nos

^(*) Reprodução interdita em Portugal e Brazil.

cueirinhos... E aqui me toma uma inquietação, considerando que um brazão d'armas (e d'armas tão engrossadas pelas alianças com as dos Marlborough), mesmo bordado com sedas tenues, formará sobre os linhos finos uma saliência dura — e que muitas vezes o Marquezinho de Blandford berará, roxo e pèrro, entre os carinhos inuteis de toda a casa de Marlborough, e será simplesmente por que o escudo da sua raça illustre lhe está trilhando as nadegasinhas tenras, côr da açucena e da rosa! E sinto ainda outra inquietação, ante estas fraldinhas carregadas de brazões gloriosos, inquietação que commigo partilhará todo o Collegio Heraldico do Reino-Unido, pensando que, a dormir ou a mamar, não só no macio segredo do seu berço, mas deante das nações attentas, o herdeiro dos Marlborough constantemente fará chichi sobre as armas dos Marlborough!

Felizmente, para o enxugar logo, impedir que o seu brazão ensopado se resfrie e incommode a doce creaturinha, dez aias o velam com anciada soliditude! E este numero, ainda que generoso não parece extravagante, pois que o Marquezinho de Blandford (conforme nos informam ainda os Jornaes com embevecida ternura) tem quatro amas, para poder, em tardes de fastio, escolher entre os quatro leites, depois de palpar, com mãosinha entendedora, a tumidez e o calor dos oito seios. Mais profuso se me affigura o numero das governantas, que são tres — duas a mais do que tinham os Filhos de França no grande seculo, em Versailles, quando a Europa não distinguia bem se a magestosa luz, que cahia sobre ella, irradiava do Sol ou de Luiz XIV.

Mas que são estas magnificencias de fraldas, esta vasta camarilha de aias, perante as riquezas, as propriedades soberbas, os dinheiros estonteadores de que o Marquezinho se apossou apenas o envolveu o ar d'este mundo, para elle especialmente aquecido, purificado e embebido d'aromas? Logo que as comadres, os medicos (e creio que os Reporters) verificaram que era um varão, e que o era com energia — a criancinha ficou virtualmente dona d'esse palacio de Blenheim que a Inglaterra deu como recompensa nacional ao primeiro Marlborough, ao galante e amavel John Churchill, com os seus trezentos quartos mobilados, os seus parques de sete mil hectares, os seus rios, os seus lagos, e a grossa estatua do heroe, já de bronze, n'uma excelsa columna, trajando de Imperador Romano!... Mas o mesmo succede a todos os primogenitos da casa de Marlborough. E de resto outras crianças, ao entrar na vida, chupam, atravez da primeira gotta de leite, um castello de muitos quartos com um parque de muitos hectares. O caso especialmente grave d'este pobre Marquezinho de Blandford (e que nunca succedêra a nenhum Marlborough) foi que, apenas o lavaram, entrou na tremenda posse de duzentos milhões de dollars, de duzentos mil contos de réis!... Quando o tiraram da bacia vinha todo a pingar d'ouro! Depois bem sequinho, bem polvilhadinho, embrulhadinho nas suas flannels de duzentos mil réis, preparado portanto a descansar n'um somninho tepido — immediatamente recebeu, para que esse descanso fosse bem seguro, um palacete em New-York que as Gazetas, n'um gesto largo, avaliam em quinze milhões. Assim, com o seu tecto bem garantido para bem o abrigar, esse tecto que o Filho do Homem

outr'ora, n'uma estrada solitaria de Galiléa, se lamentava de não possuir, o filho dos Marlborough foi maciamente aconchegado no seu berço sublime. Mas, ainda a sua cabecinha molle e pennugenta se não sumira entre o esplendor das rendas, já lhe fôra entregue, para os vagares do verão, outro palacete á beira-mar, *Marble Hall*, solar de marmore, mas realmente d'ouro, porque, segundo o brado dos Reporters, vale quatorze milhões. Habitar junto do mar com tanto esplendor, e não o navegar com esplendor parallelo, seria bem humilhante para um Anglo-Saxonio; e antes pois que adormecesse recebeu o pobre Marquezinho um liate de recreio, muito famoso, chamado *Valente*, não pelas suas valentias, mas pelos doze milhões que o pagaram! Tem palacio na cidade, palacete nos areaes de Newport, o *Valente* sobre as aguas — e todavia o Marquezinho de Blandford meche e geme...

Dorme, dorme, meu menino
Que a tua mãe foi á fonte...

Á fonte?... Sim, á Fonte do Ouro Perenne, porque ahi trazem ao pobre menino, não um cantaro de fresco barro, mas um cofre de negro ferro, contendo todas as joias que elle já possui por ter nascido, e que, em roda do seu berço, os Reporters, extranhando quem não venha tambem a myrrha e o incenso, avaliam excitadamente em sete milhões! Emfim o Marquezinho, derreado, immobilizado sob esta espantosa carga de milhões, socega, vae adormecer!...

Não! Pois que um carteiro esbaforido, acompanhado d'outro tropel de Reporters, se acerca alvoroçadamente do berço, estendendo á criancinha a sua primeira carta registrada! Quem escreve já ao Marquezinho que ainda agora desceu do céu dentro do seu açafate de rosas? Alguem de certo que amorosamente o esperava, que se apressa em lhe mandar a palavra que lhe explicará a Vida, e lhe ensinará o que na Vida superiormente vale, e lhe apontará o fim a que tende a Vida. Com effeito! E do avô, do enternecido avô, a carta que se abre, e que os Reporters lêem com a face esgaseada, e que copiam soffregamente, e que contém esta profunda linha: — « Meu neto, marquez de Blandford, ahi te remetto essa quantia para teu dinheiro d'algi-beira! » — E pregado á carta, com alfinete d'ouro, um cheque, um cheque sobre o Banco de Inglaterra, um cheque d'um milhão de dollars, um leve cheque de mil contos! Quem é este avô? Céos piedosos, que tudo sabeis, quem é este avô? Quem assigna este terno cheque, de ricacissima ternura? O bom avô, que assigna o bom cheque, é Vanderbilt, o millionario Vanderbilt, o millionarissimo Vanderbilt, o americano mais millionarissimo da America millionarizadora!

E agora, amigos, comprehendéis! Sim, perfeitamente... O duque de Marlborough casou com uma senhora Vanderbilt, goza por sogro o velho Vanderbilt, trata por cunhados os moços Vanderbilt, e elle mesmo está todo Vanderbiltizado! E d'ahi os cueiros bordados a ouro, e os babeiros de quinhentos mil réis, e os centos de milhões, e o palacete de New-York, e a casa de marmore, e o *Valente* sobre as aguas, e as joias, e os mil contos para a algibeira da fraldinha, e toda esta portentosa pecunia estendida deante da porta do velho castello de Blenheim, bem espalhada ao sol, mostrada es-

tridentemente a todos os Reporters Anglo-saxonios, e empurrada para deante da gente distrahida que passa e a quem se grita com delirante orgulho: — « Olhae, admirae os milhões de Vanderbilt! »

Estampido horrendo de milhões remexidos, que te não deixam dormir o teu primeiro somno da vida, Marquezinho de Blandford! Ah! meu doce menino, se teu pae, esse gentil duque de Marlborough, tivesse desposado (como podia, apesar da vossa delgada nobreza, de raiz magra e curta) uma senhora da grande casa de Northumberland que reinou na Northumbria, ou uma das Cecil que tão bellas são e tantos homens fortes têm dado á patria, ou uma Arundel, d'essa raça de Norfolk, onze vezes secular, onde já El-Rei D. João I de Portugal se honrava de casar uma filha amada, de certo, gordo anjinho, não possuirias um hiate antes d'engatinhares, nem mil contos para a algibeira antes de usares algibeira — mas, deitadinho n'um confortavel berço, entre uma velha, elegante e calada riqueza, brandamente dormirias, sem que o teu somninho fosse estragado e a tua candura quasi maculada com este brutal, insolente fragor de milhões revolvidos, alardeados, tilintados atravez dos Jornaes, para que o mundo saiba que tu és muito rico e que Vanderbilt é o teu avô! Por que agora só esse será o teu avô, o teu unico e grande avô, aquelle que o nosso seculo conhecerá e admirará, aquelle que supremamente te cercará de prestigio, aquelle que pela sua força absorverá a tua raça enfraquecida, de tal sorte que, quando por teu turno chegares a avô, terás por neto, e neto muito illustre, o duque de Vanderbilt! O outro, o que está empoleirado na sua columna, vestido d'Imperador Romano, dominando os prados e arvoredos de Blenheim, esse não apresenta acções que interessem ou deslumbrem o nosso tempo positivo. Era um mero soldado, bonito e esbelto, mas tão ignaro que apenas sabia assignar o seu obscuro nome de Churchill e lia com uma difficuldade afflictiva. Todavia, assim illetrado, fez dez campanhas triumphaes contra todo o poder de Luiz XIV. Na primeira desembarca, e, de victoria em victoria, toma as cidades de Venloo, de Ruremonde e de Liège. Depois, na outra primavera, em poucas semanas, conquista todo o paiz riquissimo que se estende entre o Rheno e o Mosa. Depois toma Donauwoerth, passa o Danubio, e ganha a batalha de Blenheim que fez perder cem legoas de terra aos Francezes. Depois vence em Ramillies, vence terrivelmente em Malplaquet, abala a monarchia de Luiz XIV, destróe o prestigio militar da velha França. E, com todas estas glorias, engraçado e alegre, fraternal ao soldado, leal e affavel aos vencidos, d'uma serenidade corajosa e cheia de elegancia que lembrava os heroes gregos! Deslumbrante em manhãs de batalha, com a sua fina espada erguida, a immensa cabelleira a fluctuar ao vento — á noite

na tenda, entre os cangirões de vinho, ainda deslumbra, conversando, os generaes prisioneiros que vinham de Versailles, onde quando havia sermão era Bossuet que o prégava e quando havia comedia era Molière que a escrevia. De tal sorte que nunca ninguem conquistou tanto pela força — que depois tanto seduzisse pela graça. Por isso a França, que elle esmagara, o immortalizou n'uma canção toda cheia de flores:

Marlborough s'en va-t-en guerre,
Vivent les roses!
Qui sait quand il reviendra...
Vivent les roses et les lilas!

Esse era o teu outro avô, Marquezinho de Blandford! Mas esse partiu para a guerra, *s'en alla-t-en guerre*, e quem sabe quando voltará! Para ti — nunca mais! Já não vivem os lilazes, murcharam as rosas. E a linda canção de França risonhamente t'o diz:

Mr. de Marlborough est mort,
Vivent les roses!
Bien mort et bien enterré,
Vivent les roses et les lauriers.

Bem morto e bem enterrado! E agora positivamente é que elle mais se afunda, bem fundo, na sua funda cova! Sobre elle pesam, carregando o seu corpo ligeiro, abafando o seu nome sonoro, os immensos milhões de Vanderbilt! E no fulgor d'ouro, irradiado por essa opulenta massa d'ouro que atulha a casa de Marlborough, quem pôde ainda enxergar o lampejo fino da fina espada na manhã de Malplaquet? *Mr. de Marlborough est mort!* Não vivem as rosas — menos os louros! O teu verdadeiro avô agora, o unico comprehensivel para o nosso tempo, não é heróe, é o millionario — com grande vantagem do teu credito, da tua celebridade, da tua authoridade no Club, e da tua influencia sobre as mulheres.... Não te agites no teu berço, Marquezinho de Blandford, descontente, n'essa innocencia das coisas do mundo que ainda trazes do céu! Hoje avô que dê proveito e honra a um neto não é aquelle que, ao som aspero dos pifanos, entre os estandartes soltos, entra nas sessenta praças de guerra que o seu genio tomou — mas aquelle que, sentado á banca, abre um caderninho, e, com penna larga e facil, assigna um cheque de mil contos. E tu ou não viverás — ou serás exclusivamente o neto de Vanderbilt. Sê pois rendosamente o neto de Vanderbilt!

Mr. de Marlborough est mort,
Bien mort et bien enterré....

Os louros seccaram — vivam os dollars!

EÇA DE QUEIROZ.



A Viagem dos Reis de Portugal ao Algarve

Faro, 9 d'Outubro.



odo esse terreno algarvio, que eu vejo correr pela janella do wagon que me transporta, tem na madrugada macia que o nubla a mesma côr outoniça e torrada. São vinhas vendimadas, são hortas que descansam, milharaes restolhentos; e sempre, em grupos ou perdida, a figueira anã, estorcendo n'um desespero os troncos cinzentos e nodosos, e pendurando pobrementemente ralas folhas, amarellas, sujas, como trapos.

Apenas nos longes enfuscados, d'encontro a algum outeiro, por entre alfarrobeiras espessas, por entre piteiras esguias, o caiado vibrante dos casaes pinga d'alegre a terra calcinada.

Este outomno é assim uma saudade. Saudade d'essa aurora que é a primavera com o seu tapete de flôres d'amendoeira e o seu riso de criança que desperta a pedir beijos.

Que no Algarve essa criança deve pedir beijos e figos!

Eis que pára o comboyo. Comboyo historico, que toda a noite resfolegou charneca fóra, na sua marcha d'expresso, fazendo rodar sobre duas tiras de ferro, um relicario real, todo de seda e damasco...

Eis que pára o comboyo. O sol é já mais alto. Resôa um hymno, estridulam bombas, um magote de pessoas graves resvala sobre o alpendre embandeirado da *gare*, a multidão pasma, um silencio se faz... e emquanto ao longe, um monstro, a machina, cospe indifferentemente o seu vapor... do bando sizudo que se adeantou ao coche regio alguém soluça uma allocução!

* * *

O HYMNO DA CARTA! FOQUETES! ALLOCUÇÕES!

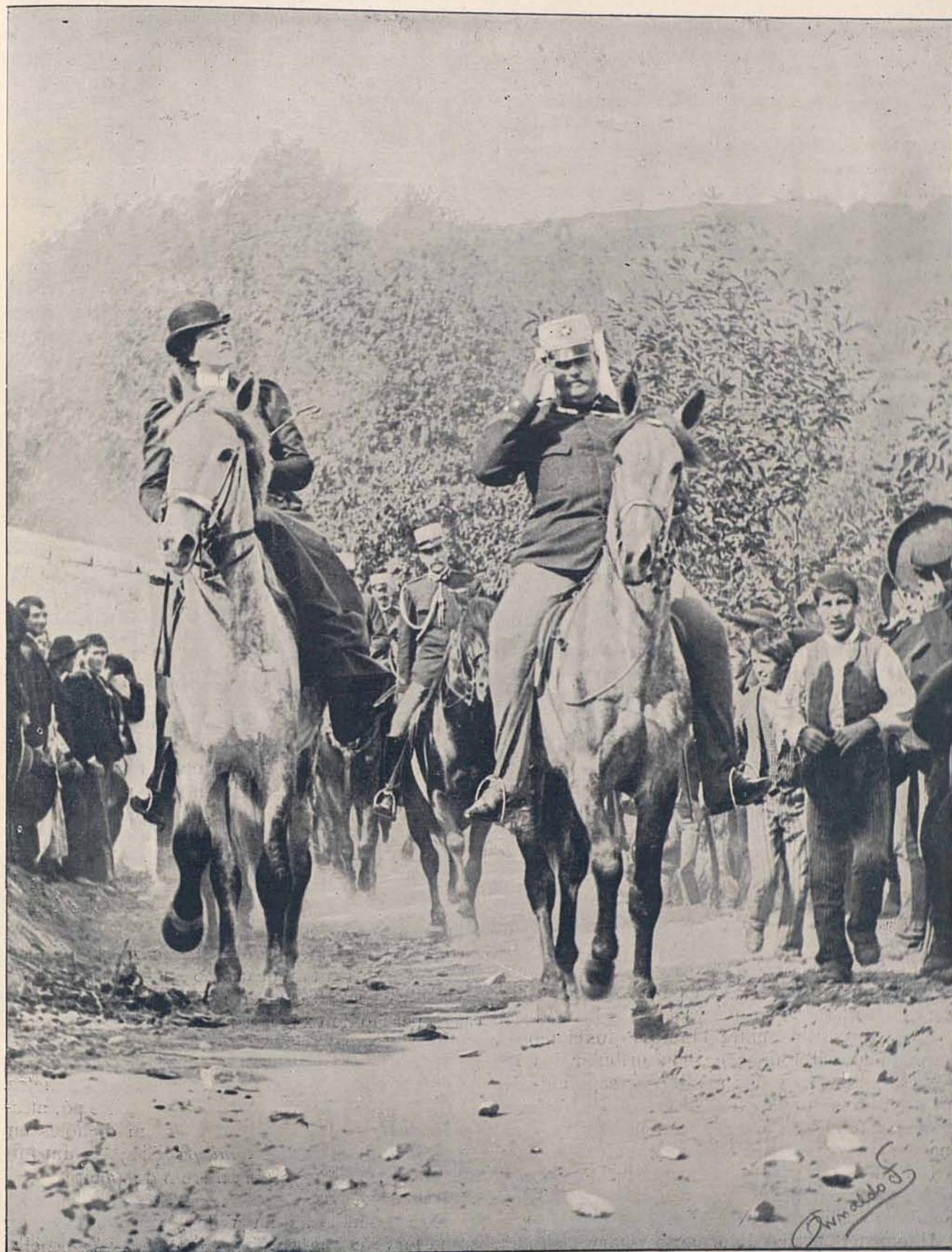
O hymno da carta!

É inutil fugir á obsessão. Eu estou a ouvil-o ainda, eu estou a ouvil-o sempre! Eu durmo e



Instantaneo de Arnaldo Fonseca.

O escaler do hiate real entrando no porto de Lagos.



Instal. Anco Ce Arnaldo Fonseca.

EL-REI E A RAINHA SUBINDO A SERRA DA FOIA

ouço-o, e no meu primeiro bocejo a minha primeira blasphemia vem ao som d'elle... como um rei.

Foguetes!

Não ha silencio que valha um semelhante estralhar de bombas! Habituei-me já! Acho-o tão normal como um prégão, o zumbir d'uma mosca, o virar d'uma folha! Habituei-me! E se na rua duas ou tres bombas succede rebentarem sobre mim, eu sorrio-me como se borboletas brancas adejassem em torno do meu chapéu de feltro!

Allocuções!

— « N'este tão faustoso dia, minha senhora Dona Adelaide, eu venho com o devido respeito, perenne d'uma lisongeira fome e de fagueiras esperanças, prestar-vos preito e homenagem e impetrar da vossa excelsa cozinha... meio bife e um copo de Fuzeta! » —

Foi assim que no hotel Louletano, em Faro, eu discurssei, após o que, espalmada a mão na bocca aberta em *O*, a disparei p'ra cima, no sentido da testa, fiz estalar a lingua, simulei um foguete, assobieei o hymno, e consegui o bife e o Fuzeta.

Desde então, tudo o que digo tem um solemne cunho allocutivo e não admitto que ninguem me peça um phosphoro sem me tratar por *Vós* e sem prévia declaração de lhe pulsar na carcassa um verdadeiro coração de portuguez.

* * *

Rei ou presidente, na impossibilidade moral de se lhe chamar já hoje *o Senhor*, compensou-se-lhe a perda do attributo com a designação de chefe supremo e com a certeza de ser na hierarchia official o numero 1.

E assim se diz o *Primeiro dos Francezes* fallando do Sr. Faure, e assim se diz o *Chefe supremo de Portugal* divagueando sobre o Sr. D. Carlos I.

A designação de *subdito* essa prevaleceu. E prevaleceu igualmente para o presidente de qualquer camara que é doutor, e para o cantoneiro de qualquer estrada que é analfabeto.

E quer seja o *Primeiro dos Francezes* que viaja ou o *Chefe Portuguez* que excursiona ha-de topar o doutor e ha-de topar o labrosta. O doutor que lhe falla na prosperidade da terra, o labrosta que lhe cala a miseria que o devasta.

E o Rei passa, por entre o bramido dos clamores, na magia das illuminações, no thuribular dos *Te-Deum*, sob o palio das recepções, sem um minuto para coordenar uma observação nova, para sondar com um só olhar, a sinceridade das acclamações, e o dessoramento dos dependentes.

Rei ou Presidente para alem das barreiras da côrte, ninguem ainda hoje o comprehende sem jorros de luz e fogos d'artificio.

E como tenha succedido que no Algarve exigiam, p'ra mais, o Rei de corôa e manto, cumpre-me recordar ter havido ha mezes a arreigada idéa d'impôr ao presidente Faure um chapéu de plumas p'ra ir á Russia.

Porque é o caso que, em viagens politicas, o

chefe da nação vae mais para que o vejam, do que para ver.

Fuma, falla, sorri, e sempre em redor d'elle ha fumo ou pó : o fumo dos foguetes ou o das salvas, o pó dos caminhos... e o dos seculos; e em frente d'elle, calvas acocaradas ou um prato de sopa ou o seu secretario : felicitações officiaes, jantares, memoriaes.

* * *

A gente algarvia, exceptuando é claro, as camaras municipaes e os varios funcionarios, não se manifestou fallando muito como é de fama em povos do Algarve.

Á passagem do cortejo real o homem tirava o seu chapéu rodado, a mulher deixava pender boçalmente a mandibula... e olhavam.

O Algarvio não tem, nas multidões em que o topei, um feitio exterior que o distinga accentuadamente do alemtejáno ou do extremenho.

E como temperamento... tem o olhar doce, o figo doce, a batata doce, o clima doce!

* * *

Villa Real de S^{to}. Antonio, 10 d'Outubro.

Desembarco. Do azul leitoso do céu cahe sobre esta alegre terra, uma luz alegre e poeirenta. É a baixa lisboeta, alinhada, com os seus telhados indios, e todo o feitio pombalino, regular e monotono. Apenas aqui e alli um pedaço de trapeira foi modificado e arranjado ao sabor d'Olhão ou de Tavira com o seu terraço arabe e caiado.

E n'esses telhados e n'esses terraços, esperando o cortejo — coleando a essas horas pela estrada de pó — cabeças curiosas buliçam.

Por entre as decorações de buxo, balões e galhardetes, a melhor é talvez esse bordado de cabecitas que fimbria as cimalthas da correnteza de casas por onde se continúa em longa linha recta a estrada de Faro. Ha muitissima gente d'Ayamonte. Ouço fallar mais hespanhol que portuguez. Na mulher o typo confunde-se. É tão estreito o Guadiana! Tem o traje andaluz da burguesinha : em cabello, o penteado cuidado, um corpete de seda, a saia lisa.

Eu nunca vi em tanta mulher caras tão lindas, eu nunca vi em tanta cara tão lindos olhos!

Ignoro se sobrestarei na opinião. Por agora peço perdão do exagero... venho de Faro!

* * *

Chega o cortejo. Ao longe um hymno, foguetes. Um bicycletista, de batedor, branco de pó, atravessa a multidão, agita o bonet, tem dichotes em hespanhol : — *ole, viva mi patria!*; — um minuto mais e surge n'uma nuvem de poeira o tropel do sequito real.

Este desembocar na Villa, feito a gaiópe, por uma tarde calma e sob um pôr de sol vermelho e ouro, simula mais uma fuga de vencidos, com carros d'ambulancia á rectaguarda, do que uma entrada amiga e triumphal.

A todos a poeira ennegreceu a cara e embranqueceu cabellos, e a fadiga da viagem vincou-

lhes na face uma afflicção nova. Tentam rir e os musculos desenham-lhes comicos esgares d'angustia.

E de tal espessura de pó vinha vestida a pança d'um illustre, que sua meiga mulher ao fim da estrada, lhe desenhou com o dedito enluvado, o feitio da commenda que ambiciona.

* * *

A bordo da Canhoneira Zaire, 12 d'Outubro.

Faina geral. Com rumo a Lagos.

Parte do jornalismo dorme.

Não cesso ha dois dias de repetir nos máus momentos uma phrase que em occorrença que ignoro o ministro Beirão aqui a bordo, recitou com certa unctuosidade :

« *A la guerre comme à la guerre* ».

Acontece que estando eu deitado n'um beliche, o mar entrou pela vigia e enxarcou-me... eu disse a phrase... e logo soceguei e enxuguei !

E tendo encontrado um outro poiso começava já a dormirtar, quando alguém de corpo fatigado se estende a todo o peso sobre mim. Gemi, denunciei-me e logo a phrase me aflorou aos labios :

« *A la guerre comme à la guerre* »

e consolei-me.

E como de manhã eu não tivesse dormido e como quizesse refrescar a cara e não houvesse agua, eu espreguiçando-me bradei :

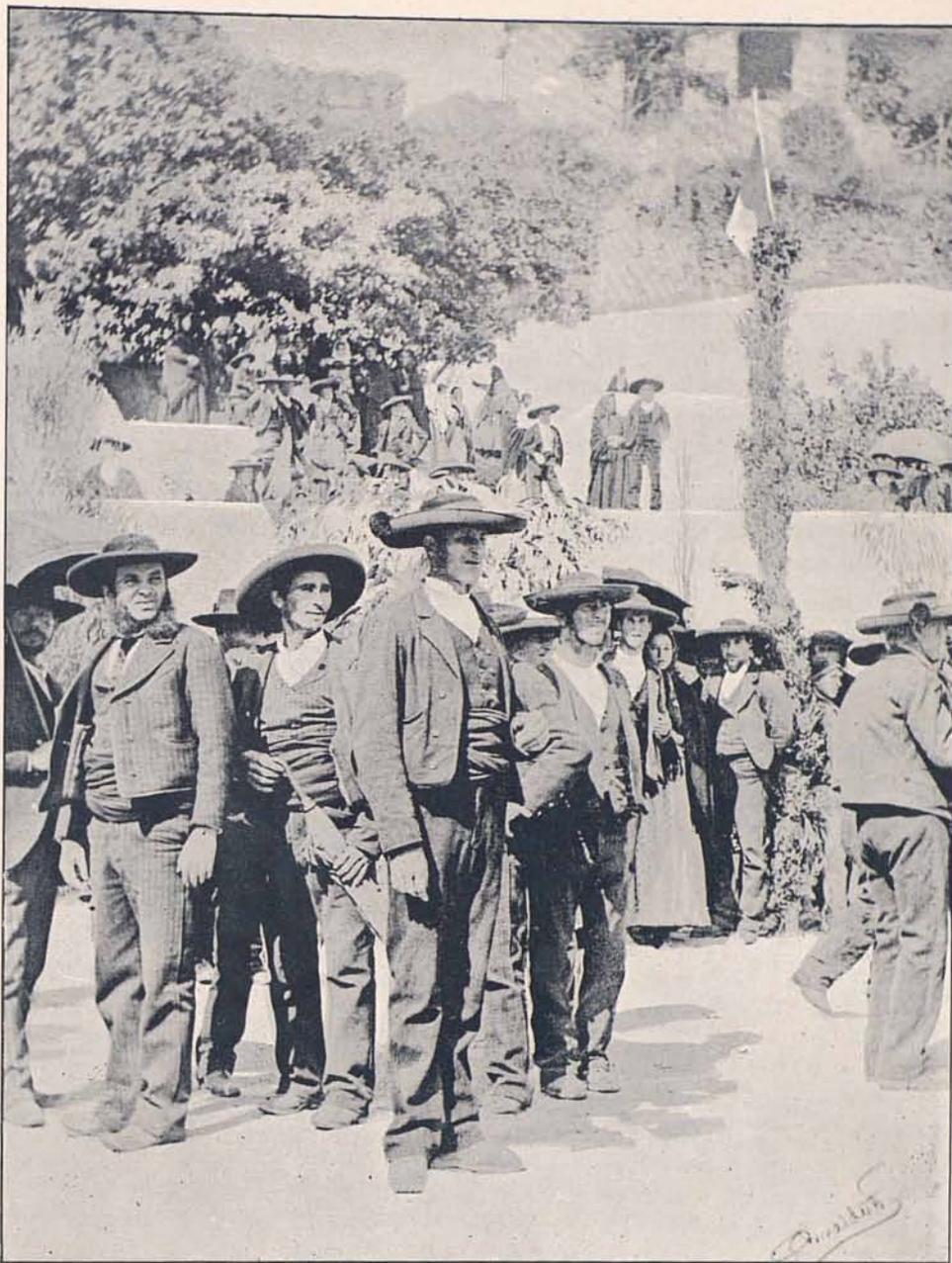
« *A la guerre comme à la guerre* »

e logo a fadiga me passou e fiquei limpo.

* * *

Não importa ! Sinto-me mercadoria, que alguém despachou em Lisboa, e que vae no momento com destino a Lagos... de paquete.

De comboyo, de carro, de navio, baldeado, chocalhado, atirado, não comendo, não dormindo, eu sou simplesmente um fardo !



Instantaneo de Arnaldo Fonseca.

Camponezes algarvios esperando os Reis.

Não importa !

Declara-me o Visconde de Claverie, camarada do Figaro, embrulhando um rebuçado no menu do lunch real servido hontem, que esse dia tinha sido : ...*tout de même, une journée historique* :

E eu... mercadoria, olhando o Claverie... visconde, não attendo bem na magestade da sentença, e peço-lhe sofregamente o rebuçado.

* * *

Villa Nova de Portimão, 13 d'Outubro.

De volta de Monchique a entrada em Portimão entre delirios de luz, n'um triumpho da côr inenarravel dá a impressão d'um sonho.

Da noite, do fundo escuro da noite, immerge a phantasmagoria theatral dos balões, estilizando barcos no rio, e afundando na agua buliçosa as franjas movediças e irisadas dos reflexos.

Ha scintillações discretas de pedras ricas, são renques de rubim como brazas, polvilhações de saphiras e topasios, tudo entornando luz, curve-teando, com vagas penumbras coradas, por sobre a sombra espessa da multidão.

Não ha céu, é uma enorme theoria de tintas. Não ha terra é uma fusão de côres.

E ao longe, parecendo muito p'r'a lá do rio, Fer-

Ha horas pois que, no alto da Foia, no *curru-pito*, como lhe chama o montanhez, o administrador de Monchique defrontando os Reis, clamou celebrenemente, agitando o vasto chapéu alto :

— « Rapazes!... Faz frio!... A nossa Rainha dá licença que a gente se cubra!... Toca a pôr os chapeuses! »

Isto no alto da Foia, a 900 metros acima do nível do mar e dominando meio Portugal.

* * *

Lisboa, 16 d'Outubro.

Dia d'inverno.

Encontro um papel com as seguintes notas quasi sumidas :

« Lagos — colchas da
« India. Silves — os
« olhos mais meigos do
« Algarve — castello
« — cisterna — procu-
« rar Moura. — José
« Maria — Decima —
« Comprar phosphoros.

Creio que são notas intimas. Impossivel colligir d'aqui coisa de geito.

Sei que estou em Lisboa. Ignoro como! Perdi um sapato, um sobretudo, e recebi agora mesmo um telegramma de Pomarão que me diz textualmente isto :

« Pernas encontradas. Em meu poder... vão amanhã. »

Assusto-me, palpo-me e é com singular esforço intellectual que adivinho referir-se o amigo que me escreve, a um tripé de machina photographica que se me despenhara do comboyo em terrenos do Alemtejo.

Tenho somno, um somno insistente e crasso.

Se alguém pesquisar de mim coisas do Algarve eu devo necessariamente falseal-as. Aspectos de Portimão, vejo-os em Faro; e só sei de Villa-Real onde é o telegrapho...

No emtanto vi o Algarve e tenho somno. Mas ouço... um hymno... tiros... O hymno da carta! Foguetes!...

Vou indagar...

Dia de grande gala!

ARNALDO FONSECA.



Instantaneo de Arnaldo Fonseca. Typos do Algarve. — Uma vendedeira de batata doce.

ragudo, na margem fronteira com as casarias contornadas de luz simula no tenebroso céu uma enormissima constellação.

De volta de Monchique...

* * *

Ha horas, pois, que foi trepada festivamente essa soberba serra, dominando um mar de montanhas que se estendem Algarve fóra, como vagas.



Machado de Assis.

(REVISTA MODELSA)

Machado de Assis

CELEBRAR a Machado de Assis é propriamente celebrar a dignidade e a elevação da obra literaria. Grande coisa é a unidade de uma vida, a convergencia invariavel de todos os seus dias e todas as suas horas para um só e mesmo ideal, principalmente quando este é um dos que com mais pureza resumem o que de divino guarda ainda a Humanidade, no meio das suas mil miserias... Machado de Assis, tendo-se votado á sua Arte desde a adolescencia, conservou-se-lhe fiel, sem hesitações nem desfallecimentos, até hoje que já lhe branquejam os cabellos sobre a fronte ainda joven, porque elle, como me dizia numa carta, não é « dos que dão para octogenarios. » Intacto o fervor dos vinte annos o alenta no labor [litterario; mestre consagrado, não entende que tal qualificação lhe seja uma aposentadoria; não lhe fallem de dormir á sombra dos conquistados louros, ou de pousar sobre os muitos livros superiormente escriptos, a forte e nobre penna, activa como a enxada do camponez madrugador, fina como o buril do esculptor que sonha com deuses e Galatéas. Sempre moço, elle deseja estar á frente dos moços, combater com elles, com elles ir jornadeando pelo futuro avante. Provavelmente, seducções perfidas o assaltaram, aqui e alli, no seu longo caminho; mais de uma vez por certo, a Politica — sereia extranhamente fallaciosa e lasciva, a cujas propostas poucos escapam nas nossas terras da America — veio segredar-lhe aos ouvidos ternuras e promessas quaes só ella as sabe; mas Machado de Assis, como quem conhecia bem a loureira formosa e cynica, encolheu os hombros, desdenhoso, e foi andando. Assim era, assim é. Outra gloria não pede e não quer senão a que lhe vem da sua propria obra. Vasta é ella, e vária, distribuida em tão largo tempo, com sinceridade e perseverança, por quasi todas as « provincias da litteratura », como antigamente se dizia. Cultivar a poesia, o conto, o romance, o theatro, a critica, o folhetim, a chronica, tudo isso gallardamente; sendo pelo estylo um artista acrysolado, ser ainda um pensador, um humorista, um moralista, uma especie de philosopho sem presumpções, que, descuidoso de nos dar o seu *systema* completo, nos dá tão só fragmentos soltos de philosophia; eis o que enche de brilho excepcional essa fecunda existencia; eis tambem o que me tentaria a ensaiar sobre ella um detido e minucioso estudo, que tomaria meio fasciculo, ao menos, da *Revista Moderna*... Mas o espaço é tyrannico na sua estreiteza. Apenas posso, a traços breves, *interpretar* o temperamento tão original de Machado de Assis.

Poeta, rimando sonhos nas manhas da adolescencia, elle apparece, em momento de transição, entre os ultraromanticos ululantes ou possessos, fracos herdeiros d'aquella forte geração que abriu o seculo, e os parnasianos da Musa impassivel, dispostos a lavar o verso como materia preciosa e fria; o senso da harmonia — innato no seu espirito como no de um atheniense — ensina-lhe a evitar, com igual zelo, ambos os extremos, mostrando-lhe bem que a estrophe não pôde ser o eterno tubo lacrymatorio dos funeraes archaicos, ou o

banal porta-voz de rhetoricos furores, mas que tambem reduzir a poesia a mera arte imitativa ou plastica é, não só baixar-lhe o nivel, mas restringir-lhe extraordinariamente o horizonte. Em verdade, desde então, os seus versos revelam, como feição predominante, um justo equilibrio entre a essencia e a fôrma, segundo se nota em particular nas composições dos gregos. E com certos gregos tem elle pontos de afinidade; não fallo nos arroubos de Pindaro, ou nas exuberancias fogosas de Alceu; mas não o reconheceriam por parente Mimnermo, Simonides, Anacreonte? Justamente *Uma ode de Anacreonte*, que se lê nas *Phalenas*, o velho de Téos não a faria com mais elegancia, nem com tanto sentimento. Semelhanças se acharão tambem entre Machado de Assis e os bons quinhentistas, cujas redondilhas tão limpidas e conceituosas especialmente lhe agradam. Mas, para differencal-o dos gregos, ha o grande facto do Christianismo, que, conquistando todas as gentes, a ninguem permittiu mais ser pagão, nem a Gautier, nem a Carducci, nem ao mesmo Goethe; e, para distancial-o dos quinhentistas, apparecem outros elementos, como a Reforma, a Encyclopedia, a Revolução Franceza, e os graves problemas sociaes que não preocupavam os entendimentos naquella era de navegações e descobertas... Mas vê-se que Machado de Assis bebeu inspiração nas mesmas fontes que Garrett, de quem tem a graça meditativa e morbida, sem ter de certo as áscuas do seu candente lyrismo. Elle nasceu bem na sua época, e é devéras um moderno, a despeito de muita coisa que o fere acaso nos modernos costumes, a despeito dos classicos encantos com que a sociedade antiga lhe acena dos seus longinquos nimbos. Excluo a idade media; então o seu liberrimo espirito o tornaria suspeito a todos os tyrannos, e o apontaria aos rigores do santa Officio... Nas *Phalenas* e nas *Americanas*, como nas *Crysalidas*, já se manifesta, traço saliente da sua esthetica, a melancholia; mas é a melancholia generica do sonhador, vaga e quasi voluptuosa, não a melancholia caracteristica do pessimista, racionada e resignada a um tempo, que resumbra em composições ulteriores, como o *Circulo vicioso* e a *Mosca azul*.

Tambem foi gradualmente que na prosa se desenvolveu a sua indole de maravilhoso humorista, que no *Braz Cubas* attingiu o summo grão de originalidade e independencia. Os prenuncios de tal pendor apenas se lhe adivinham nos primeiros contos e romances pela preocupação psychologica e moralistica; mas ainda os caracteres humanos lhe fornecem antes recursos dramaticos para o enredo e o desenlace da acção que estímulos para o exercicio da sua magistral ironia.

Essa *flôr amarella e morbida* do desencanto, sem duvida uma fôrma, e das mais requintadas, da sabedoria, só pôde ser, num individuo ou num povo, resultado de longo cultivo, de complicada evolução. Como se engendrou e desabrochou ella no espirito de Machado de Assis? Para a sua alma, delicadamente, angustiosamente sensível, tanto como reflectida e analysta, a experiencia deve ter caminhado depressa ora, no spectaculo da

realidade, dois phenomenos capitales sobretudo o impressionam, quando elle considera o homem face a face com a natureza a que pertence : um é a sua pequenez, a sua quasi nullidade como factor na ordem universal, sujeito qual está sempre a um encadeamento de leis que não formúla a seu talante e não póde suspender ou abrogar; outro é a sua insignificancia mesmo no fóro íntimo, tantas causas conhecidas e desconhecidas concorrem para lhe enfraquecer o livre arbitrio até nos minimos actos.

Assim, os personagens de Machado de Assis são geralmente caracteres indecisos, hesitantes, atormentados pela *molestia da duvida*; incoherentes? contradictorios? de accordo; mas verdadeiros por isso mesmo. O zig-zag está mais na logica real que a linha recta; nada tão commum como a dualidade, a multiplicidade até de uma alma humana; algumas ha de uma só peça, mas são tão raras! Tambem ninguem melhor que Machado de Assis acompanha e traduz as modificações lentas que soffre uma idéa até tornar-se volição e acto. Vêde o caso dos cinco contos de réis no *Braz Cubas*, e o da *Atalaia* com o Rubião do *Quincas Borba*, e ainda o estudo magnifico do *Enfermeiro* nas *Varias Historias*. Compreendo que, por vezes, os commentarios do escriptor se vos affigurem perversos, sendo sómente justos. Um unico homem ousou desnudar-se ante a posteridade, mostrar-se *tal qual* era; foi Rousseau nas *Confissões*; e fez logo a impressão de um monstro... Machado de Assis por sua parte, descobrindo em flagrante certos cantinhos obscuros de humanidade, illumina-os de subito com uma phrase fulgurante. O leitor protesta, offende-se, brada : Maldizente critico! E, entretanto, alli não ha mais que a tranquilla constatação de um facto. Basta, por exemplo, um trocadilho; como quando elle diz : « Marcella morria de amores pelo Xavier. Morria, não. Vivia. Viver não é o mesmo que morrer, segundo affirmam todos os joalheiros d'este mundo... » A attitude do auctor é a de juiz severamente minucioso no inquerito e indulgente na sentença, porque, no seu criterio, as circumstancias atenuantes não escasseiam; mas estas só aproveitam a cada individuo, e não ao conjuncto dos seres, á maneira por que está organizado o mundo, onde a parte do erro suplantam a da razão... Tudo isso já indica bastante que a sua philosophia não póde ser alegre. Eu acredito que a principio o estoicismo secretamente o attrahisse como o ideal das escolas. Mas nem todos chegam á perfeição de professar que a Dôr é uma illusão; Machado de Assis não tem o character duro que o estoicismo pede, e para elle a Dôr é uma indubitavel e inevitavel realidade; o prazer é que não passa, acaso, de dôr abortada... Ora, si nos cumpre a todo o transe supportal-a, supportemol-a ao menos com espirito; e si nenhum esforço nos subtrahae ao jugo ferreo do Destino, mostremos a nossa superioridade de entes racionaes, não envergonhando-o, que elle tem a face rija e cynica, mas escarnecendo-o sem colera... Então, a ironia é a grande arma; simplesmente, é uma arma de dois gumes, que fere tambem os que usam d'ella.

E a ironia de Machado de Assis é particularmente acerba. Compara-o com os humoristas inglezes, sobretudo com Sterne, a quem o ligam algumas semelhanças de fórma; aquelles são mais zombeteiros e menos profundos, interessando-se especialmente pelos contrastes graciosos e grotescos; Machado de Assis busca antes,

ou encontra sem os buscar, contrastes moralmente tragicos; o proprio H. Heine não vae tão longe como elle nesse ponto, nem Anatole France, que em não poucas paginas recentes lembra assaz o nosso auctor. Portugal tem hoje o seu grande humorista : Eça de Queiroz; mas este não é porventura tão amargo no brilho violento e militante dos seus periodos, como Machado de Assis na mansidão quasi ingenua com que expõe os seus trechos de doutrina. Ha tal capitulo no *Braz Cubas* que, á primeira vista, desperta irresistivelmente o riso; e depois deixa nos labios um sabor de fél — recordando o riso provocado por aquella herva venenosa... precisamente: o *riso sardonico*. Machado de Assis é, pois, de algum modo, um demolidor de illusões e talvez de theorias, demolidor sem odios nem exageros. Mas, em compensação, quantos e que altos monumentos de estylo tem construido! Por que o estylo é uma das condições superiores que asseguram a immortalidade á sua obra. Antes de tudo, elle possui na linguagem um instrumento admiravel de expressão, conciliando a pureza castiça do idioma classico com a malleabilidade, a precisão, a força synthetica que exige a litteratura modierna. Sobrio, exacto, singelo por gosto e não por pobreza de vocabulario, elle não descarta as qualidades musicaes do periodo; tem o habito da phrase bem feita, de tal geito que as suas chronicas, e não raro as suas cartas, se podem ler como paginas de livro. Aqui e alli, muita gente lhe achará capitulos pouco claros, ou excessivamente pallidos; mas isso acontece quando o pensamento mesmo é cheio de reservas e distincções, ou subtil demais, quasi intraduzivel em palavras. De resto, convenho em que pessoas simplistas se desesperarão com frequencia, ao ler alguns dos seus livros. Lembra-me um amigo d'esta classe a quem emprestei o *Braz Cubas*; restituiu-m'o ao fim de poucas horas. « Não o entendo — disse-me — Perdi quatro ou cinco vezes o fio da acção. » E tinha razão; por que a acção para Machado de Assis não vale por si propria, como para os romancistas *dramaticos*; vale unicamente como *motivo de interpretação*. Por isso elle não se apressa, como não se apressa o sabio que estuda um phenomeno curioso, e se preoccupa só com as condições do experimento. Tambem trata de quando em quando o leitor com essa absoluta sem-ceremonia que desnorrea os *Aca-cios*, e não trepida em mystifical-o se é preciso. *Il ne se gêne pas*. « Não é impossivel que eu desenvolva este pensamento antes de acabar o livro; mas tambem não é impossivel que o deixe como está. » Em outro ponto, depois de narrar episodios, intrigas, consequencias de um baile, interrompe-se para notar de passagem : « Este baile — ia-me esquecendo dizel o — era em casa do Camacho. » Outra cousa que elle desdenha são os effeitos rhetoricos; detesta a emphase e a hyperbole tanto como a banalidade. Assim é que numa pagina do *Braz Cubas*, tendo exposto certa opinião em phrases levemente oratorias, logo zombando, acrescenta : « Vive Deus! eis um bom fecho de capitulo! » Ha leitores que não perdoam essas liberdades...

Compreende-se que, com taes tendencias, ao seu estylo falte por vezes movimento, ao menos movimento physico, ainda que *O delirio* de *Braz Cubas* nos dê em traços de Buonarotti a marcha epica das edades. Ajuntarei a proposito que as suas comedias são animadas, lepidas, ligeiras, sem digressões nebulosas que tolham a viva-

cidade do dialogo, e a distribuição bem cabida das scenas; una d'ella, *o tu, só tu, puro, amor*, considera-o Theophilo Braga a melhor composição dramatica existente sobre Camões. Mas eu imagino que Machado de Assis, se trabalhasse habitualmente para o theatro, destinaria as suas peças a um auditorio summamente restricto, por que, assim como a hilaridade grosseira, lhe repugnam os lances violentos que enthusiam o povo; as situações emocionantes que elle prefere são todas de *nuanças*, e ha nuanças terrivelmente tragicas... Do theatro antigo o drama favorito para Machado de Assis é supponho eu, o *Prometheu* e do theatro moderno o *Hamlet*. Um concretiza a sua concepção humana, o outro falla a linguagem do seu temperamento.

Os recursos descriptivos não entram na sua esphera usual de observação; não que elle regeite a descripção quando o assumpto lh'a impõe; mas não se compraz nella, nem a procura intencionalmente. Os objectos lhe interessam menos pelo aspecto pittoresco que pelo sentido intimo e pelas relações mutuas. Para elle, certamente, « a paisagem é um estado de alma ». Isso não significa que Machado de Assis trate os seus personagens como simples signaes algebricos, ou meros symbolos imaginarios. Gosta de nol-os apresentar principalmente quando valem a pena d'isso, como a formosa Virgília: « Era d'essas figuras talhadas em pentelico, de um lavor nobre, rasgado e puro, como as estatuas, mas não apathica nem fria. Ao contrario tinha o aspecto das naturezas calidas, e podia-se dizer que na realidade resumia todo o amor... » Os seus olhos « davam uma sensação singular de luz humida », e a sua bocca era « fresca como a madrugada, e insaciavel como a morte ». As mulheres evocadas por Machado de Assis — para quem o *eterno feminino* é um vasto elemento moral — têm de ordinario uma soberania de belleza, de seducção, de resistencia ou mesmo de virtude, que lhes confere a victoria na lucta com o sexo rival. Perversa não vejo nenhuma; perturbadoras ha muitas, e de penosa decifração. Se é licito tomar uma comparação á pintura, — direi que essas mulheres não semelham ás Sybillas herculeas de Miguel Angelo, ás suaves e sadias camponcezas de Raphael, nem ás donzellas esguias e mysticas de Fra Angelico, nem ás nymphas robustas e sensuaes de Rubens; semelham ás creaturas extranhas e complexas de Leonardo de Vinci. Leitor, se algum dia viste no Louvre a *Gioconda*, esquecer-lhe-has jámais o sorriso singularmente enigmatico e sceptico, o mesmo da *Léda* que na villa Borghese reina, com a sua nudez triumphante dourada carinhosamente pelo tempo?...

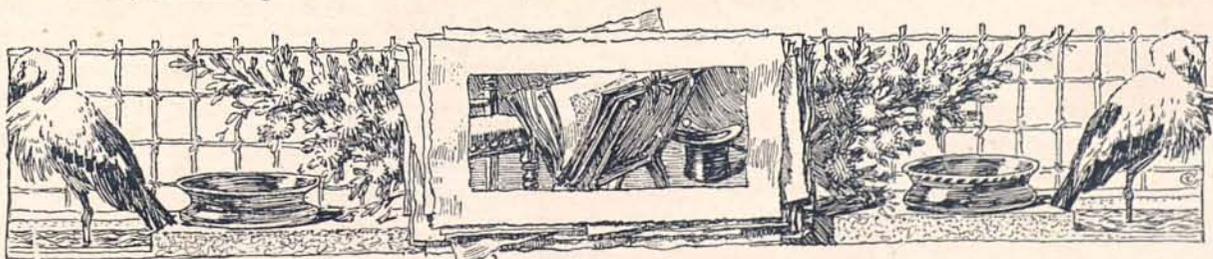
E as conclusões do philosopho? São de um pessimismo consummado. O *Braz Cubas* termina assim: « Ha um saldo a meu favor: Não tive filhos; não transmitti a nenhuma creatura o legado da nossa miseria ». Reparae agora como acaba o *Quincas Borba*: « Chora os dois recentes mortos, se tens lagrimas. Se só tens riso, ri-te.

É a mesma cousa. O Cruzeiro do Sul, que a linda Sophia não quiz fitar como lhe pedia Rubião, está assaz alto para não discernir os risos e as lagrimas dos homens ».

Portanto, a existencia é miseria, e os astros contemplam indifferentes os nossos infortunios. Mas não haverá para alem dos astros alguem compassivo e remunerador — essa Justiça immanente que é ao mesmo tempo immanente Misericordia? Cuido não errar affirmando que Machado de Assis, na sua consciencia, tem a fé intensa com que se appella das iniquidades transitorias para a Suprema Sabedoria, que concerta e harmonisa as apparentes contradicções do universo. Demais, elle está longe de ser um *blasé*. Zombar de certas illusões não é dizer que tudo seja illusão, como discutir apparencias de virtude, não é negar a virtude mesma. Elle acha seguramente que a vida, apesar dos seus lados mesquinhos, tem muita cousa digna de affecto e culto; crê nos sentimentos fundamentaes do homem, crê tambem na Arte, nessa *Musa consolatrix*, de quem falla com paixão não menor que a de Cicero celebrando os seus caros estudos no meio das discordias civis. A ella, á suprema apaziguadora, á magica deidade que « muda o agudo espinho em flôr cheirosa », á meiga e carinhosa enfermeira que sana todas as feridas e consola de todas as decepções, deve Machado de Assis os seus momentos de mais grato e productivo socego, longe do frivolo combate em que as gentes se digladiam para conquistar bens ephemeros, cuja posse, as mais das vezes, não corresponde á intensidade do desejo... Devehes tambem a immensa vantagem de partilhar todos os gozos espirituales d'este seculo tão rico d'elles, sem ter sahido nunca do seu recanto sul-americano; pois uma fina e rara intuição substitue na sua mente o proveito das viagens; de tal modo que o *meio* nacional, ou antes, fluminense, dominante nas suas obras, adquire, atravez de tão especial temperamento, sem perder a sua exactidão, uma peregrina transcendencia que o tornaria interessante para os estrangeiros como para nós mesmos.

De resto ser bom é ainda um dos meios mais seguros de ser feliz, e Machado de Assis é nobremente, essencialmente, bom. Quando um artista está como character abaixo do seu proprio engenho, o publico nada tem aver com isso, porque os vicios d'elle não devem prejudicar o brilho da sua obra. Mas a superioridade moral em equilibrio com a superioridade intellectual fórma um tão bello conjuncto que provaria máo gosto, mesmo esthetico, quem o olhasse com indifferença. É essa exquisita harmonia que faz do Presidente da Academia Brasileira o orgulho dos seus amigos, entre os quaes me honro de ser contado; e ella é tambem para mim a garantia de que quantos o prezam e admiram terão em ler este estudo o mesmo prazer com que eu o escrevi.

MAGALHÃES DE AZEREDO.



LIVROS NOVOS

Ilha dos Amores, por Antonio Feijó. Lisboa, 1897.

Antonio Feijó é um poeta parnasiano. Este vago adjectivo, como as melhores expressões, não cabe n'uma definição precisa; isto é o que constitue a sua commodidade no uso corrente da conversação e da critica. O parnasianismo significa o equivalente de elegancia e de perfeição. Foi uma palavra nascida a tempo e quando foi precisa para designar uma cousa bem caracterizada: a reacção contra a poesia despendeada dos românticos, dos que não tinham genio e que eram, em seu tempo, legião.

Antonio Feijó é porém mais do que um poeta classificavel n'uma escola; é um poeta meridional e portuguez. A cultura litteraria estrangeira, e elle a tem vasta e esmerada, não deixa traços na sua poesia. As viagens largas e demoradas têm-no levado desde a sua paizagem do Minho portuguez até os centros mais inhospitos da America do Sul, ás nascentes do Paraguay, ás planicies do Rio Grande, aos luars de Pernambuco, ás elegancias das capitães européas, ás neves scandinavas que agova vê, em Stockholmo, no descanso de uma diplomacia pacata e elegante.

Em Stockholmo Antonio Feijó succedeu, como ministro de Portugal, a um homem original e estranho, ao lendario Souto Maior, o diplomata que, neste seculo, tentando reviver as tradições de Kaunitz, teve mais e mais extraordinarios colletes e maior quantidade de alfinetes de gravata. Antonio Feijó, com o colorido dos colletes atenuado, e menos ourivesaria, é tambem um elegante. A época e o bom gosto de Antonio Feijó impuzeram-lhe mais sobriedade. Ora, em Antonio Feijó, o poeta e o homem fundem-se e desaparece essa dualidade ás vezes contradictoria, que em tantas organizações litterarias s'oppõem de modo a dar materia facil para a satyra e a caricatura.

N'uma caricatura conhecida, Paul Verlaine apparece como exemplo d'esta contradicção. Quiz uma duqueza que o poeta que a encantava lhe fosse apresentado e a duqueza desmaiou ao ver entrar-lhe pelo salão a sordidez do homem. E provavel que Antonio Feijó tenha tido leitoras desejosas de o conhecerem. Mas com certeza não desmaiaram, ao menos, pelo mesmo motivo.

Toda a poesia do seu bello livro demonstra que os céos estrangeiros não deixaram vestigios na retina do poeta e, se fosse possivel imaginar alguma poeira nos seus sapatos de verniz, não seria decerto poeira de outra terra que não da terra portugueza. O livro é de saudade, de amor e de tristeza. E haverá cousas mais portuguezas?

Nasci á beira do Rio Lima,
Rio saudoso, todo crystal;
D'ahi a angustia que me victima,
D'ahi deriva todo o meu mal.

É funda a magua que me exaspéra,
Negra a saudade que me devóra...
Annos inteiros sem primavera,
Manhãs escuras sem luz d'auróra!

Uma natureza menos irreductivel, menos cheia da vida portugueza, reflectiria as cousas brumosas e scandinavas da vizinha litteratura norueguense. Seria facil adoptar os aspectos exteriores della, as suas psychologias e os seus ibsenismos. Seria succumbir á tentação, da moda imperiosa. Antonio Feijó porém, pensa:

A noite immensa tudo escurece
Mas os meus olhos, da terra extranha
Voam ás praias que o sol aquece
As praias d'oiro que o Tejo banha!
Terras do Norte, meu longinquo exilio!
Aguas tranquillas, pinheiras, rochedos...
Por estes bosques nunca andou Virgilio
Nem melros cantam n'estes arvoredos...

Lagos sem fim; desertos sem miragem;
Mares sem ondas na toalha azul;
Nem uma ave d'auroral plumagem,
Nem uma planta que recorde o Sul!

Longos occasos d'esvaídas côres,
Na paz discreta em que as paisagens morrem
Nem choram fontes nos jardins sem flores
Nem voam aves, nem as aguas correm.

O azul do céu é desmaiado e frio;
O azul dos olhos sem fulgôr latente;
Doira os cabellos este sol do estio
Mas não aquece o coração da gente...



ANTONIO FEIJÓ

Esta sensação de exilio é a dominante nos versos de Antonio Feijó e apparece na poesia chamada *Domingo em terra alheia*:

Domingo triste, protestante e frio...

Onde estaes vós, Domingos d'outros annos,
Adro da minha Igreja, alamedas do rio,
Dias santos de sol catholicos romanos?

O exilio, tem sido um grande inspirador dos poetas. Hoje não ha Augustos que desterrem Ovidios para as bandas da Scythia fria. O ministro dos negocios estrangeiros que conserva Antonio Feijó na côrte hyperborea de Christina e Carlos XII, sem querer, está prestando um serviço á litteratura. Está dando ao poeta um quadro de exilio que elle em bellos versos nos pinta; e cria-lhe n'alma este estado que o pedantismo pseudo-scientifico chama subdelirio e que é a inspiração. A raça dos poetas, pensará de certo a Secretaria de Lisboa, é uma raça irritavel: em Pernambuco havia sol de mais, em Stockholmo, sol de menos! Em todo o caso

Ao luar dormente, ao luar dos tropicos, no exilio
Sobre um terraço á beira-mar,

ou ao reflexo das neves do norte, Antonio Feijó faz versos e, o que é mais raro, faz verdadeira poesia. Isto porque segundo nos diz ainda o poeta

As abelhas d'oiro fogem da colmeia
Vão na terra alheia
Fabricar o mel...

É o que, com tanta doçura, faz Antonio Feijó em Stockholmo. O verdadeiro poeta acha em toda a parte o seu Hymetto, sempre tem a emoção sem a qual não ha verdadeira poesia e a imaginação que, aos poetas, revêla as bellezas mais inesperadas da natureza e a graça mais enternecedora do sentimento na fórma que, afinal, é tudo quanto nos é dado vêr do ideal e que na poesia de Feijó apparece pura, luminosa e so-lida.

Viajando na Galliza, terra donde é originaria a sua familia, leu elle na lage de uma sepultura:

AQVI JAZ FEIJOO ESCVDEIRO
BON FIDALGO E VERDADEIRO
GRAN CAZADOR E MONTEIRO

A esse proposito o poeta mostra inveja do seu antepassado:

A casa bem provida
A tulha cheia, a adéga a trashbordar
Como foi bella a tua vida
E como o teu destino é de invejar!

Sem amarguras nem cuidados
Nas tuas terras da Galliza
Passaste a vida a montearveados,
Alegremente, descuidadamente.

Eras sadio é forte,
Nobre, ingenuo, leal, corajoso a valer
Se visses em que lymphá miseravel
Se transformou teu sangue generoso,

Oh! meu avô! O teu braço indomavel
Calira de vergonha, inerte e pesaroso!

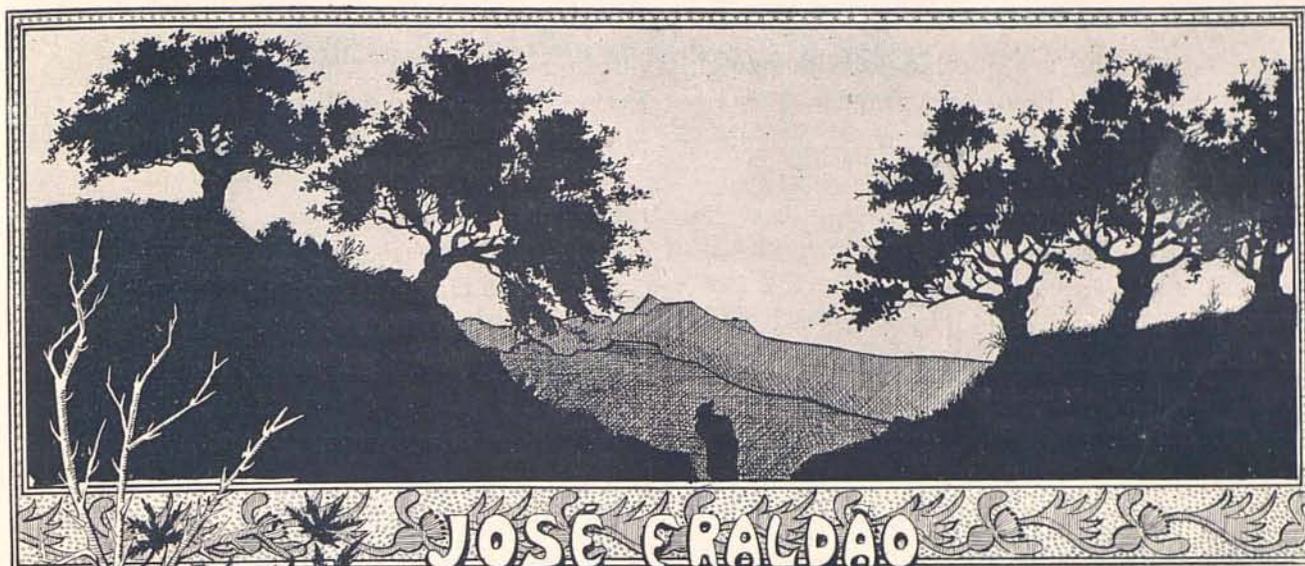
Formado entre sorrisos cortezãos
N'um tempo d'elegancia effeminada,
Nem com ambas as mãos
Poderia empunhar a tua espada!

Teu neto, bon fidalgo e verdadeiro
Nem caçador, nem monteiro!

Tenho medo do sol, do mar, das tempestades
E enchem-me de pavor, pelas noites caladas
Os cães a nivar no pateo das herdades,
O grito dos pavões e o rugir das levadas!

Em tudo isto ha mais poesia, e mais modestia do que verdade. O poeta não é o fraco que ali está retratado. É espadado e forte. O seu braço não tem dado cutiladas porque os tempos não estam para ellas. Era porém, muito capaz de as dar. Não foi tal: « Formado entre sorrisos cortezão ». Foi formado em Coimbra onde, a velha portugueza, o vinho da Bairrada, as noitadas e as nymphas do Mondego constituem um processo de selecção como outro qualquer. Os fracos succumbem mas os mais fortes, como Antonio Feijó, sobrevivem physica, moral e intellectualmente incolumes.

E. P.



OITE velha, sahia o Antonio Fraldão de casa da Alonsa, quando viu, a curta distancia, escoar-se um vulto que parecia de gente.

O Fraldão sahia á esconsa e por isso não se affirmou; — mas que se affirmasse, provavelmente não conhecia quem era, pois já não havia lua áquella hora, e as estrellas, ao alto, esmoreciam. Demais, os dois seguiram em sentido contrario : elle a metter-se em casa, e o outro, se era gente, direito á cova dos castanheiros, onde se internaria na treva densa.

Aquillo, a principio, não deu que pensar ao Fraldão; — mas ao chegar á casa pouco depois, no extremo opposto da pequena aldeia, já com a mão na aldraba da porta suspeitou :

— « Ora quem seria o melro... Se teremos historia... »

Ainda lhe vieram, n'um impeto, ganas de voltar atraz, de farejar o rasto até dar com o vulto, algures, e de o obrigar, se fosse embuçado, a mostrar a cara. Mas presumindo que já o não encontrava, e nada suspeito, ainda, dos beijos da Alonsa e das suas juras, abriu a porta e foi-se p'r'a cama, — embora, lá no intimo, arreliado.

Quando depois accendia a candeia, ao pé do catre, reparou que a mão lhe tremia; — e deitando-se, não havia maneira de pegar no somno, ás voltas debaixo da manta.

— « Está bonito, está! E esta?! »

A mãe, que ficava n'um quarto contiguo, separado apenas por um tabique, ainda lhe perguntou de lá se estava doente, ou que é que tinha. Mas elle, respondendo que não tinha nada, parece que até na sua ouviu a voz da mentira, — e se mal estava peor ficou.

Agora, umas guinadas de impaciencia picavam-no todo até á alma, e entrou, pouco a pouco, a scismar se seriam ciumes :

— « Ciumes! » admirava-se elle. « Mas de quem? »

Considerando, aquillo não passava talvez de uma curiosidade, talvez de uma simples suspeita... — curiosidade de conhecer o vulto, suspeita de ter sido conhecido, elle...

Mas logo a seguir tranquillisava-se :

— « Agora! Tanto como eu o conheci tambem ! E quem sabe até se não seria algum lobo... » aventava o Fraldão a vêr se dormia.

Mas não dormia; e no quarto ao lado, afflicta, a mãe apegava-se já a Nossa Senhora : « Ave Maria, cheia sois de graça... »

— « Bem digo eu ! » arriscou-se a viuva a dizer outra vez. « Ora queira Deus, Antonio, queira Deus e Deus o queira que te não deem p'la cabeça estas noitadas... »

— « Isso ! » replicou o rapaz. « Agoure-me vossemecê agora inda por cima ! »

Um gallo cantou a distancia, n'alguma capoeira.

— « Ouve, minha mãe? Deixe-me vossemecê dormir, que já cantam os gallos. »

Mas espantara-lhe o somno o cuidado que entrara com elle, — nem sabia de quê; e embora d'olhos cerrados, e immovel p'r amor da mãe, as idéas, agora, tomavam-lhe certo rumo, já fixo. — Aquillo com a Alonsa era ainda de fresco, e namoros, p'lo visto, a rapariga não tinha nenhum. Ella mesma lh'o havia jurado pouco antes mais uma vez, — e que tirante aquelle que a perdera, e que depois a botara ao desprezo, não conhecera mais homem nenhum, — nem, queria. Boa moça, vivendo á geira do seu trabalho, sósinha, parecia com effeito que gostava d'elle, a pobre da ra-

pariga; — e d'uma vez que lhe tinha fallado em se casarem, fitou n'elle os seus grantles olhos negros, marejados de lagrimas, e com a cabeça disse-lhe que não.

— « Não? Mas se eu quizer? » perguntara elle.

— « Não! Tu tens tua mãe. »

— « Mas minha mãe... »

— « Tua mãe precisa de ti. »

E abraçando-se a elle e apertando-o, agora a chorar com alma, entregara-se-lhe dizendo assim :

— « Deixa lá! »

Gostava da rapariga desde então, só por isso; — e procurando-a de noite, ás escondidas, era mais por lhe fazer a vontade a ella para que a publicidade d'essas relações o não desairasse, do que por envolver estás em um mysterio, que, por não ter de que se envergonhar, até lhe pesava. Casaria com ella, decerto, quando a demovesse ao casamento; — e essa objecção da mãe, com que ella, coitada, lhe viera mais uma vez ainda essa noite, a propria mãe acabava de a desfazer lá do seu cubiculo, dizendo-lhe quando já luzia o buraco, e ao tempo a que todos os gallos da vizinhança tagarellavam de longe uns com os outros :

— « Olha, Antonio! se esses cuidados são o que eu penso... »

Deteve-se...

— « Que tem? » provocara o rapaz o resto da phrase.

— « Que tem?... O melhor é casares-te. »

Não respondeu.

* * *

N'esse mesmo dia, depois de cear com a mãe o caldo das versas, o Antonio Fraldão deu as boas-noites, pegou no chapéu e ia a sair...

— « Não te era melhor ires-te p'ra cama, Antonio? » perguntou a viuva.

— « Eu não me demoro, minha mãe. Deite-se vossemecê, que eu venho já. »

Dirigia-se para a porta, mas a mãe ainda o admoestou que tivesse cuidado, que os perigos d'onde quer surdiam.

— « Não tem duvida, minha mãe. Não se afflija. »

E cerrando a porta atraz de si, achou-se de repente na rua escura. No céo, muito alto, luziam estrellas em cardumes, e não havia lua; e das casas vizinhas, janellas e portas estavam fechadas, e a aldeia, prestes a adormecer, parecia deserta. Ladravam cães aqui e além, disseminados, de guarda ás curraladas; e só das bandas do campo, embalando o dormir da paisagem, um ruido atte-

nuado e doce, que era, áquella hora, a fusão do canto dos ralos, dos grillos e das cigarras, vinha, diffuso, embriagar de sonho o silencio das coisas...

Sublinhadas de luz, uma agora, outra logo, raras portas no interior da aldeia; e na taberna do Grincho, entreaberta, sob a fumaceira dos cigarros, que ondulava no ar como um nevoeiro, a mesa do jogo rodeada de gente.

Cortara a aldeia toda o Antonio Fraldão, sem ser visto; e quando chegou á casa da Alonsa, a rapariga, que já o esperava figgando a rua por uma frincha, abriu-lhe a porta e cerrou-a logo.

— « Valha-me Deus, Antonio! Tenho tanto medo que te veja alguém! »

— « E eu nenhum. Tem de se saber, pouco me importa. »

E já defronte da rapariga, ageitando-lhe o rosto p'ra lhe vêr os olhos, perguntou-lhe se estava triste.

— « Não. Triste porquê!... »

— « Estás, isso estás. »

— « É modo meu, não estou. »

Mas aos olhos da Alonsa, a desmentil-a, afflo-raram logo duas grandes lagrimas.

— « Vês! » tornou o Fraldão. « Bem digo eu! Estás a chorar. Eu não gosto de te vêr chorar. »

— « Não! pois não! » annuia ella enxugando os olhos. « Já não choro. Mas esta minha vida... »

Sentou-a n'uma arca de pinho que havia ao pé; sentou-se ao lado d'ella; tomou-lhe as mãos.

— « Mas anda cá, vem cá, socéga! » Supplicava o rapaz. « Mas essa tua vida que é que tem? »

— « Ora! »

— « Ora quê, socéga. »

Desafogava a Alonsa : — Inda o que lhe valia era o trabalho... »

— « Ao menos emquanto ando por lá, quer chova quer neve, até parece que alivio penas. »

Respirou muito fundo, mordeu o beijo inferior para reprimir as lagrimas.

— « Deixa lá, já te disse, não te afflijas « continuava o Antonio. « D'hora a hora Deus melhora. »

— « Sim... sim... Mas o que lá vae... »

Desdenhava o Fraldão para a animar :

— « Ora, o que lá vae! O que lá vae, lá vae! O que lá vae deixál-o ir! »

E fitando-a a rir-se :

— « És tu minha amiga? »

— « Sou. »

— « Muito? »

— « Muito. Não posso ser mais. »

Mas aqui, sem querer, veio-lhe outro hausto; e escondendo a cara no avental, como envergonhada, entrou a chorar convulsamente :

— « Maria, então? isso que é? » procurava reprimil-a o rapaz. « Ouve. Escuta. Olha que eu zango-me... »

— « Não! não! » repetia ella em haustos.

— « Sim, mas sim, ouve. O que tu queres dizer bem sei eu... »

Rogava-lhe a Alonsa que se calasse, adivinhando no que lhe ia fallar :

— « Não, não, Antonio, tem piedade! »

— « Sim, hei-de dizer! O outro!... »

— « Por alma de teu pae, Antonio! » supplicava a Alonsa pondo as mãos.

— « O outro, sim, o outro! » recalrava o Fraldão. « Mas queres então que te diga? »

— « Oh, não, não, cala-te! »

— « Sim, hei-de dizer, vou dizer : — Tanto como elle valho eu agora! »

Ella repelliu o avental, espantada :

— « Tu?! »

— « Sim! eu! Inda menos! »

— « Oh, Antonio! » exclamou a Alonsa pondo as mãos. « Não digas isso, que peccas! »

Mas elle, como a cravar-se um punhal, insistiu :

— « Esse enganou-te, não é verdade? Disse que se casava contigo e não se casou. Mas eu... »

— « Mas tu...? » provocou a rapariga sem perceber.

O Fraldão desfechou :

— « Eu... foi um empurrão que te dei p'r'a desgraça, arredando-te d'elle. »

— « Mas se foi elle que não quiz casar, Antonio! » objectou desvairada a rapariga.

— Foi! Mas agora, mulher de dois, mulher d'um cento. Deixasse-te eu estar como estavas, que o deshonorado não eras tu. »

Percebera, a Alonsa; e cahiu n'um marasmo que assustou o rapaz.

Para a reanimar, ameigou a voz e attrahiu-a para elle :

— « Ora mas anda cá, vem cá, não te afflijas. Vaes-me fallar então toda a verdade, promettes? »

Ella não respondeu, absorta...

— « Promettes » disse por ella o Fraldão.

« Olha então bem para mim. »

Ella fitou-o, serena.

« Responde: tu inda gostas d'elle? »

Chisparam-lhe de ira os olhos accesos :

— « Eu?! »

— « Então anda cá, vem cá » ameigou-a o Antonio. « Pois se já tu vês que fui peor do que elle... »

— « O'Antonio! »

— « ... perdoas-me? »

— « Perdão! »

— « E casas-te comigo? »

— « Não! Isso não! »

— « Mas eu perdão só quero esse. »

— « Deixál-o! »

— « Deixál-o porque? »

Desdenhando de si, a rapariga ergueu os hombros :

— « Inda o perguntas, Antonio! »

Mas n'isto, parece que no silencio da rua, perto da porta, se ouviram passos...

— « Escuta... » disse o Fraldão.

— « Não é ninguem! » conteve-o a Alonsa sobresaltada.

Mas o Fraldão, desconfiado, ficou em brazas, — lembrado do vulto da vespera.

Desviou-se, mediu-a, e agarrando-lhe os pulsos interpellou-a :

— « Ouves? Tu enganas-me? »

Cahiu de rojo a rapariga, fulminada :

— « Por alma de minha mãe, Antonio! »

Mas elle repelliu o juramento :

— « Não! Só dizendo que sim ao que te vou perguntar : — Casas-te comigo? »

— « Caso! » respondeu ella com energia.

Levantou-a n'um impeto o Fraldão, apertou-a contra o peito, despediu-se; — e carregando o chapéu até aos olhos, apagada a luz por precaução, desandou a chave e sahiu p'r' a rua.

Cantavam os gallos... Em casa, sentada ao lume quasi apagado, a mãe do Fraldão desfiava o rosario, — rogando pelo filho a Nossa Senhora: — « Ave-Maria, cheia sois de graça, o Senhor é comvosco... »

* * *

Já no escuro, cá fóra, o Fraldão poz-se a farejar como se fosse um lobo. — Sentira passos, não se enganava, e era o vulto da outra noite com toda a certeza. Mas agora, rondando com o olhar á volta d'elle, — na treva immovel e silenciosa, debaixo do céu melancolico onde as ultimas estrellas já feneciam, nenhum vulto, nenhum ruido, lhe feriam a attenção. Comtudo, esse ar frio que respirava, ia jurar que um halito inimigo o empestava, — d'alguem por ali escondido, algures... Mas um exame attento e perscrutador, do ouvido principalmente, não lhe dava nada, e os olhos, inquietos em todas as direcções, como os dos lobos quando têm fome, continuavam a receber do escuro a mesma impressão de vazio, que o affligia e o exasperava...

— « Ah cão! » regougava o rapaz. « Não te en-

contrar eu que te comia os figados! » — Oh, mas havia-de encontral-o! fosse como fosse, fosse onde fosse! Era o vulto da outra noite, não tinha que vêr, — era melro que o espreitava...

— « Pois a cova tenhas tu onde pões os pés, ladrão! Não se abrir a terra que te comesse! »

E ao mesmo tempo que se não queria arredar p'ra longe, e sondava o escuro, com pertinácia, na direcção da casa da Alonsa, vinham-lhe ganas de procurar mais lá, mais ao largo, por todas as bandas, de não deixar pellegada que não perscrutasse, — de mexer e remexer com as unhas, sendo preciso, a propria terra onde tinha os pés.

— « Cão do diabo! cão tinhoso! Tão longe estejas tu do inferno como estás de mim, ladrão! »

Agora, como os olhos se lhe iam habituando ao escuro, a exploração corria melhor; — e porque conhecia o terreno como as suas mãos, e caminhava por isso com segurança, procurou, sondou, farejou, — até se convencer que não havia ninguém.

— « Sumiu-se! um raio venha que o parta! não dou com elle! »

Mas de repente deu-lhe um palpite:

— « Tâte! fugiu-me p'r'a cova! Detraz d'algum castanheiro é que eu o tópo! »

E largando p'ra lá como uma bala, pouco tardou que não lobrigasse um vulto que fugia, — e sentiu-lhe ainda o trupido dos pés.

— « É agora, cão! Já me não escapas! »

Mas na deanteira que lhe levava o outro, de mais a mais correndo em declive, no mesmo instante perdeu-o de vista, — sumido, como que diluido, no escuro dos castanheiros.

— Ah cão! que era o ultimo dia da tua vida! Mas acabou-se! algum diabo tinhas por tí!

E apanhando do chão duas grandes pedras, ainda as arremessou, com furia, ao seio do escuro: — mas só ouviu ramalhar os castanheiros, o baque dos matacões cahindo no solo, — e nada mais.

— « Prompto! Foi-se! O alma do diabo! Não tinha de ser inda esta noite!

E desandou direito á aldeia, furioso.

— « Amanhã! deixa! não as perdes! Eu te armarei a esparrella se voltares! »

... Mas agora, regressando, só o preocupava saber quem seria o vulto, — de todo inclinado já, contra a Alonsa, á idéa de que o atraícoava:

— Oh, a grande magana! Tinha outro! Vão-se lá fiar! A grande magana tinha outro!

Defronte da porta da rapariga, parou, imprestando de punhos cerrados:

— Ah, traidora! Agora é que era matar-te! O que tu precisavas era morrer!

E n'um repellão, desvairado, foi-se ao postigo e bateu:

— « Se abre é porque o esperava, a desavergonhada! E capaz sou eu de a matar! Mato-a, mato-me, acabou-se! »

Mas de dentro não acudia resposta, tornou a bater. Senão quando, rente ao postigo, ouviu-se a voz da Alonsa muito afflicta:

— « Vae-te, deixa-me, não me persigas! Por alma de tua mãe tem dó de mim! »

— « Abre! » rugiu o Fraldão empurrando a porta.

— « Não! não! E se abres mato-me! » tornou de dentro a voz da Alonsa. « Vae-te! Bem bonda o que me fizeste! Vae-te! »

— « Oh! » regougou espantado o Fraldão. « O que me fizeste... »

Percebera! percebia agora tudo... O vulto era então o José Cherugaço, o de Valdamadre... — e o malandro, depois de ter enganado a rapariga, e de andar por lá a enganar outras, voltava á mesma por desfastio, voltava á mesma por inveja! Era o costume, já se sabia... Oh, o grande malandro! Por isso — lembrava-se agora — quando o encontrara outro dia á Cruz da Carreira, caminho do Souto, o meliante se rira p'ra elle de certo feitio, como se riem os lobos... Espreitava-o, o refinado patife! Estava ao facto de tudo. E era por inveja — elle conhecia-o! — era só por inveja, que voltava outra vez á porta da Alonsa, — a perseguir a rapariga e a desinquietal-a!

— « Oh, mas deixa!... Não as perdes!... Grande patife que as não perdes! »

E já distante, pois que deixara em paz a rapariga, a sua vontade foi ir-se d'ali até Valdamadre, — ajustar contas com esse ladrão...

— « Vou! Atiro-me a elle que o cómo vivo! »

Mas parecendo-lhe aquillo uma surpresa, reconsiderou:

— « Não! Ha-de ser de dia! Á luz do sol é que ha-de ser! »

E entrando em casa quasi contente, o Fraldão fingiu ralhar com a mãe por o ter esperado, e pedindo-lhe a benção foi-se p'r'a cama.

— « Vê lá se vens com frio, Antonio! Aqui inda ha umas brazas. »

— « Não, minha mãe. Não esteja vossemecê agastada. O que eu não queria era vél-a a pé. Vá-se vossemecê deitar, ande, e tenha paciencia.

Dormiu o rapaz o resto da noite, d'um somno regalado; e ao acordar de manhã para ir para o trabalho, antes do romper do sol, pareceu-lhe tudo aquillo um pesadello — o que se passara na vespera...

— « Que tal, han! Como o diabo as arma, ás vezes! » lembrava-se elle ainda assustado.

No intimo, porém, tirante esse odio ao Cheruço, o Antonio Fraldão sentia-se bem; — e logo que o ouviu cantarolar, já levantado, tambem a viuva ficou contente:

— « Ora graças, Antonio! » festejou ella muito alegre. « Graças que já te ouço cantar! »

— « Então, minha mãe! É que vi passarinho novo! »

— « Ah! » fingiu a viuva que se admirava. « E bonito? » perguntou a rir com certa malicia.

— « Mas sim. Muito. »

Não insistiu a mãe do Antonio, e o rapaz calou-se tambem; — mas quando se despediu para ir para o campo, a um olhar da mãe mais perscrutador o Fraldão começou-se a rir...

— « Então? » desafiou-o a viuva.

— « Então quê, minha mãe? Não é nada » disfarçou elle. « É cá uma coisa. »

— « Mas diz! »

Hesitou; houve um silencio...

— « Pois digo, acabou-se! » condescendeu o rapaz. « Mas vossemecê ha-de-me prometter primeiro que guarda segredo... »

— « Guardo », prometteu ella.

Outra pausa...

— « É que me está a parecer que vossemecê... »

— « Anda! desembuxa! »

— « ... vae ter uma filha depois de velha! »

Deu-lhe a mãe uma grande risada, fingindo que não percebia.

— « Isso! A boas horas! »

E como o filho já ia na rua, correu a dizer-lhe da porta:

— « Ouves, Antonio? » E ria-se muito. « Agora só se forem netos... »

Já distante, o filho voltou-se p'ra traz tambem a rir:

— « Ó minha mãe!... e se forem?... »

* * *

N'essas manhãs de fim de verão, quasi outonicas, o sol, lá cima, nasce muito pallido, e já faz frio. Mas esse mesmo « arzinho » agreste, muito puro, rarefeito pela grande altitude, tonificava o

sangue do Antonio Fraldão, que horas antes, por esses mesmos logares, lhe subira á cabeça quasi a esaldar.

As idéas, agora, vinham-lhe lucidas e chilreantes, — alegres como essa passarada ligeira que por cima d'elle passava a cantar. Parecia-lhe o campo tambem mais claro, e mais alegre; — e certas arvores suas amigas, que já tinham conhecido de pequeno o avô d'elle, ouvia-as mesmo felicitál-o, quando passava:

— « Bons dias, Antonio! Do que tu te livraste! »

— « Um poço aos pés » dizia-lhe um olmo « e tu por um triz que não malhas lá dentro! »

— « É verdade! é verdade! » — « O demonio como quer as arma! » — « Nosso Senhor nos livre de tentações! »

— « Bons dias! » — « Adeus! »

— « Adeus! » — « Bons dias! »

E certo pombal por onde passou, todo caiado de branco, sorriu-lhe como um noivado:

— « Adeus, Antonio! Quando te casas? »

Ao caminho velho, saudando as raparigas que estavam na fonte, o Fraldão poz-se a cantar:

Entre cannas e canninhas
 Agua deve de nascer,
 Menina que está na fonte,
 Dê-me agua, quero beber.

Ellas agradeceram-lhe, a rir:

— « Adeus! Antonio, adeus! »

E como estivesse no grupo a Anninhas do Souto, que além de muito linda era cantadeira, mandou-lhe esta — « só p'ra ella ».

Fechei na mão um sorriso
 Da tua bocca formosa,
 Quando fui a abrir a mão
 Tinha-a toda côr de rosa.

— « Mas que linda, Antonio, mas que bonita! » agradeceu a Anninhas.

— « Isso és tu. Isso és tu. Adeus. »

Mas um pouco adeante, ao saltar a ribeira por umas poldras, uma velha que estava a lavar interrogou-o:

— « O' Antonio, então tu diz que te casas? »

A pergunta surpreendeu-o...

— « Eu, tia Claudina! » disfarçou o rapaz. « Isso sim! Tenho lá minha mãe; p'r'o que eu ganho chegamos bem. Então tão cedo? » perguntou elle sem se deter.

— « Os cueiros dos netos, que remedio! »

Apprehensivo, o Fraldão ia agora pensando:

— « Aquillo seria bruxedo? ou a tia Claudina quereria conversa? »

Mas á Cruz do Carlos, onde o caminho fazia uma encruzilhada para Valdamadre, conheceu, já lá adeante, seguindo pela rodeira que levava á aldeia, o filho do José do Cachão :

— « O' Valentim! » gritou-lhe de longe o Antonio Fraldão.

— « Que é? » respondeu o outro conhecendo-o logo.

— « Tu vaes p'ra Valdamadre? »

— « Vou! »

— « És capaz de me fazer um favor? »

— « Até dois! »

— « Então, ouves? diz-me lá a esse malandro do José Cherugaço... »

— « Ao pae ou ao filho? »

— « Ao filho. Diz-me lá a esse grande malandro, — diz-lhe lá — que a primeira vez que o tópo, seja onde fôr, que lhe hei-de arrombar com um pau a caixa dos miolos! Tão certo como haver uvas. »

O outro quiz voltar atraz:

— « Não venhas, adeus! Diz-lhe lá isto que lh'o mando eu. »

— « O' Antonio! » chamou agora o José do Cachão.

— « Que é? »

— « Então que demonio é isso? »

— « Cá umas contas. Diz-lh'o! »

E o José Cherugaço, prevenido pouco depois, só retrucou ao José do Cachão :

— « Deixa-o! Morto por isso estou eu! »

* * *

Não tardou, pois, que os dois se encontrassem; mas nem o Fraldão procurou o Cherugaço, nem o Cherugaço, tão pouco, buscou evitar o outro. Foi obra do acaso avistarem-se ambos no cabeço das eiras, n'um dia de feira; — e avistarem-se, o mesmo foi que irem um para o outro, lesto e de cabeça erguida. Já sabia o Cherugaço quem tinha pela frente; e porque o terreno o favorecia, e o inimigo era de respeito, tomou a offensiva em vez de se defender, brandindo o pau contra o adversario. Errou o golpe, todavia; — e lesto como um gamo, o Fraldão, fazendo pé-atraz, poz a zenir no ar o pau de lodão, calculou, apontou, e atirando á cabeça do Cherugaço, com toda a gana, acertou-lhe, prostrou-o á primeira, — matou-o.

Foi um alvoroço em toda a feira, ouviam-se as mulheres a gritar :

— « A' d'el-rei! » — « A' d'el-rei! » — Acudam! »

Corria gente de todas as bandas, era um tor-

velinho á roda do morto. Atirando com o pau, o Fraldão, muito livido, pedia aos que o rodeavam que o prendessem :

— « Prendam-me! prendam-me! Matei um homem! Sou um desgraçado! Prendam-me! prendam-me! »

E atirando para deante com ambos os braços, afflicto que mettia terror, parecia offerecer já os pulsos ás algemas, enquanto a feira, n'um alvoroço, se enovelava toda n'aquelle logar.

— « Que é? » — « Que foi? » — « Quem mataram? » — « José, não te vás pr'a lá metter, anda cá! » — « Antonio, fuge p'r'aqui, olha que te esmagam! » — Eram mães a gritar pelos filhos, mulheres pelos maridos : um berreiro e um alvoroço ! E á tona d'esse vozeiro medonho, aquelles clamores que fazem as possessas, tragicos e arripiados, ferozes como gritos de hyenas : — « Ihh! »

Estava já preso o Antonio Fraldão ; e de jaqueta ao hombro, sem chapéu, seguia p'r'a villa no meio dos cabos, atraz do regedor que abria caminho ; — enquanto outros, tomando conta do morto, faziam circulo á roda do corpo, aguardando que viesse a justiça.

Mas passada a crise, entrava de commentar-se o acontecido, e já havia partidos : — Quem atacara primeiro fôra o Cherugaço ! — O Fraldão, defendendo-se, fizera o que outro faria ! — Tal e qual ! — Tal e qual !

— « Mas elles já andavam de rixa ! »

— « Deixál-o ! O que aqui se passou é o que vale ! »

— « O Fraldão tinha-o desafiado ! »

— « Quem t'o disse ?! »

— « Está-o ali a contar o José do Cachão ! »

— « Recados ! Signal é que não foi traíçoeiro ! »

— « Tambem o Cherugaço lhe mandou dizer que morto por isso estava elle ! »

— « Ora ahi está ! »

— « Pois ahi está ! O rapaz não teve culpa ! »

— « Não ?! »

— « Não ! »

— « Então assim se mata um homem ?! » vociferou um de Valdamadre.

— « Isso é outro caso ! E se fosse o Antonio que tivesse morrido ? Elle não lhe atirou tambem á cabeça ? »

— « E primeiro ! »

— « E primeiro, está visto ! »

— « Se o não apanhou foi porque não pôde ! »

— « E se o apanha era uma vez ! »

— « Está visto, defendeu-se ! Outro qualquer fazia o mesmo ! »

A corrente, como levada impetuosa, era, pois, a favor do Fraldão; — e quando se ouviu, d'ahi a pouco, gritar uma mulher lancinadamente, e se soube que era a Alonsa, e por que chorava, o incidente acabou de voltar á feira a favor do rapaz, e já ninguem, ostensivamente, tomava o partido do morto.

— « Coitada da Alonsa ! » — « Coitado do Antonio ! »

— « E se nós fossemos tirál-o aos cabos, ó rapazes ? ! » desafiou um. « Vamos nós tirál-o aos cabos ? ! »

— « Prompto ! » — « É p'ra já ! » annuíram uns poucos.

Mas um velho do Variz, que estava a cavallo p'ra vêr melhor, metteu-lhes á cara a cavalgada, contendo-os :

— « Alto ! juizo ! » gritou elle imperativamente. « Vocês que é que vão fazer ? ! »

— « Arrede ! » vociferaram muitos ao mesmo tempo. « Arrede ! »

— « Não arredo ! » teimou o velho de cima da egua. « Quem é ahi que me manda arredar ? ! »

Rodearam-no, iam atirar-se a elle.

— « Bem ! então agora é julgado ! » increpou um com a bocca a escumar-lhe. « E julgado, lá vae p'r'a Africa, condemnado ! »

— « É assim ? ! »

— « É assim ? ! »

— « Vae o quê ! vae o quê ! » clamaram uns poucos n'um crescendo. « Ao juiz que o condemnasse fazia-se-lhe o mesmo ! »

— « O mesmo, pois está visto ! »

— « Está visto, fazia-se-lhe o mesmo ! »

— « Morra ! »

— « Morra ! »

O velho apeara-se, furioso :

— « Morra quem ? ! grandes animaes ! Cuidam vocês então, seus burros, que ha juiz que condemne o rapaz ? ! »

— « Viva ! »

— « Viva ! »

— « Tem razão o tio José ! »

— « Viva ! »

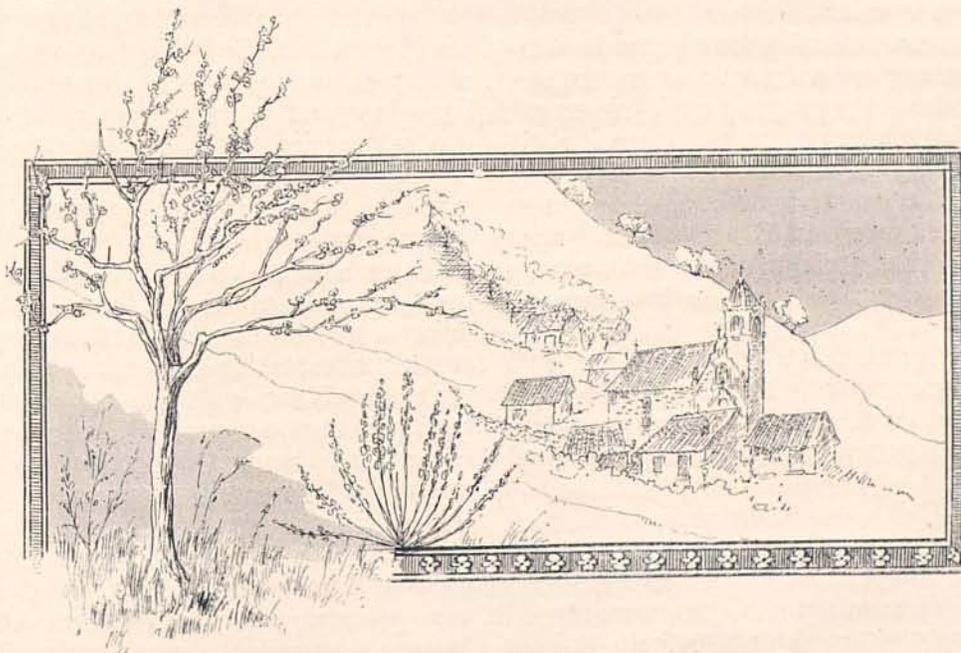
— « Viva ! »

... ao mesmo tempo que as grades do cancellão, abrindo-se e fechando-se logo, reclusam o rapaz em nome da lei, — e o Cherugaço, de ventre p'r'o ar, continuava, estendido na feira, esperando que lhe fizessem a autopsia...

* * *

Não foi condemnado, com effeito, o Antonio Fraldão. Absolvido unanimemente, ao abraço que lhe deu a Alonsa á sahida da audiencia, com todos á roda a quererem abraçal-o, o Fraldão respondeu a chorar, — beijando-a como uma criança. Tinham-se casado na cadeia, mezes antes, — quando a mãe do Fraldão, coitada, receiando pela sorte do filho, se tinha já consummido a chorar por elle, — e a chorar por elle e a rezar, expellira, sem o vêr, o ultimo alento...

TRINDADE COELHO.



A QUINZENA POLITICA



As ultimas noticias d'Oriente dão as negociações turco-gregas como quasi terminadas, dependendo sómente dos delegados da Grecia a acceitação da fôrma pela qual está redigido o texto de diversos artigos do tratado. Emquanto estas ultimas rectificações são discutidas na fronteira, outras scenas mais pittorescas se desenrolam em Athenas. O povo grego, cheio de bellas tradições e rodeado da universal sympathia, recebendo de todo o mundo civilisado unanimes manifestações de dedicação e sacrificio, abandona decididamente a politica franca e superior dos grandes homens e de uma grande raça, para, envolvido em pequenas e miseraveis intrigas, dar o exemplo da mais frisante e triste decadencia.

As criticas severas, dirigidas ao exercito e especialmente aos seus chefes, a queda do poderoso ministro Delyanis como responsavel dos desastres na Thessalia, a subida do senhor Zaimis, actual presidente do conselho, e finalmente a opposição systematica e a campanha da imprensa manifestada contra todo e qualquer acto d'esse chefe politico e do seu governo, são uma triste prova de que o bom senso e o patriotismo, eclipsaram-se do reino helleno, passando, talvez, para o lado da Turquia e dos seus. A facilidade com que a opinião

publica segue os conselhos dos demagogos de Athenas, atacando sem cessar a dynastia e o governo como causas de todas as desgraças, é verdadeiramente ingenua e ridicula n'um povo que tanto insistio nas suas exigencias e nas suas reivindicações e, que tão incoherente e desorganizado mostrou-se para a defeza das mesmas. É bem tempo que a Grecia volte ao bom caminho, procurando refazer, por um governo digno e estavel que deve merecer a confiança do paiz, a desorganização á que conduziram os discursos dos falsos prophetas, e só assim esta ultima campanha do hellenismo deixará de ser um signal da decadencia de um povo para ser pura e simplesmente uma asneira politica mal aconselhada.

A questão de Creta, causa directa de todo o conflicto, parece quasi resolvida pelo accordo das potencias na nomeação do capitão Schœffer como governador da ilha, nomeação que, segundo as ultimas noticias, será referendada pelo Sultão. Esse official superior, pertencente ao pe-

queno Estado neutro do Luxemburgo, e estranho portanto ás rivalidades da diplomacia occidental, parece ser o *avis rara* de ha muito procurado. Polyglotta distincto nos idiomas europeus, conhece tambem o turco e o grego, isto é, as duas linguas falladas na ilha.

Casado a uma Armeniana, de Constantino-
pla, filha de um ex-secretario do ministerio dos estrangeiros da Porta, é tambem o capitão Schœffer uma *persona grata* ao Sultão, sem com isso perder a sua independencia de character e de proceder, que dizem estar ácima de toda e qualquer pressão.



ZAIMIS

Presidente do conselho de ministros da Grecia.

~~~~~ A Hespanha continúa a applicar o seu novo programma de paz e conciliação, esperando com elle alcançar o nobre e louvavel fim que a rainha, o governo e o povo esforçam-se em conseguir.

A politica do Sr. Sagasta começa a produzir os seus bons resultados, tendo já encontrado da parte de todos os elementos autonomistas, quer de Cuba, quer de Hespanha, uma franca e leal adhesão. A chegada á Havana do novo governador militar da ilha, o marechal Blanco, a sua primeira proclamação aos Cubanos, acompanhada de telegrammas optimistas enviados a Madrid, tudo faz crer que as melhores esperanças não estão perdidas

~~~~~ A visita do conde Goluchowski ao rei de Italia,

em Monza, tem offerecido assumpto a artigos sensacionaes, annunciando os desejos do governo italiano de retirar-se da triplice alliança. O ministro dos estrangeiros austriaco enviado junto a Humberto pelos dous soberanos alliados, no dizer da imprensa européa, é encarregado de trazer do mesmo um desmentido tranquillizador a esses insistentes boatos. A imprensa russa, em geral tão indifferente ás cousas italianas, é a primeira a agitar a questão, denunciando a Inglaterra como prestes a contrahir uma alliança secreta com o Quirinal, alliança esta que não deve ser consentida, pois será o começo de uma politica revolucionaria na Europa. Verificadas as cousas, vê-se que um tal alarma não tem razão de ser, não se tratando absolutamente da consolidação da triplice. O unico objecto da visita do Conde Goluchowski, que, partindo das suas terras da Gallicia, vem procurar o rei Humberto no seu castello de Monza, é preparar para o proximo anno em Turim, durante a exposição internacional que ahi

se realisa, uma possível entrevista entre Francisco José e o rei da Italia.

Dizem, porem, os bem informados que a commissão será mal succedida, á vista da formal recusa opposta pelo rei Humberto á receber á primeira visita do imperador da Austria a não ser em sua capital, em Roma.

~~~~ A politica imperial continúa na Allemanha a dominar as combinações do chanceller de Hohenlohe, sempre á procura de uma maioria parlamentar possível de satisfazer aos projectos de Guilherme II. O primeiro ministro não tem illusão sobre a quasi impossibilidade de successo; e a camarilha da côrte, sem confiança no futuro, começa a agitar o elemento bismarkista como o unico capaz de inaugurar um governo potente e absoluto, fazendo calar os socialistas e radicaes. É bem curioso que, justamente no momento em que toda Allemanha levanta os mais bellos monumentos, consagrando em vida os grandes e inapreciaveis serviços do octogenario politico de Friedriska-rue, queiram os governantes da actual geração reviver esse glorioso chefe que a superioridade do seu genio e a susceptibilidade de seus sentimentos afastaram da scena politica n'esses ultimos dez annos. Mas é natural que o principe de Bismarck, no occaso de uma

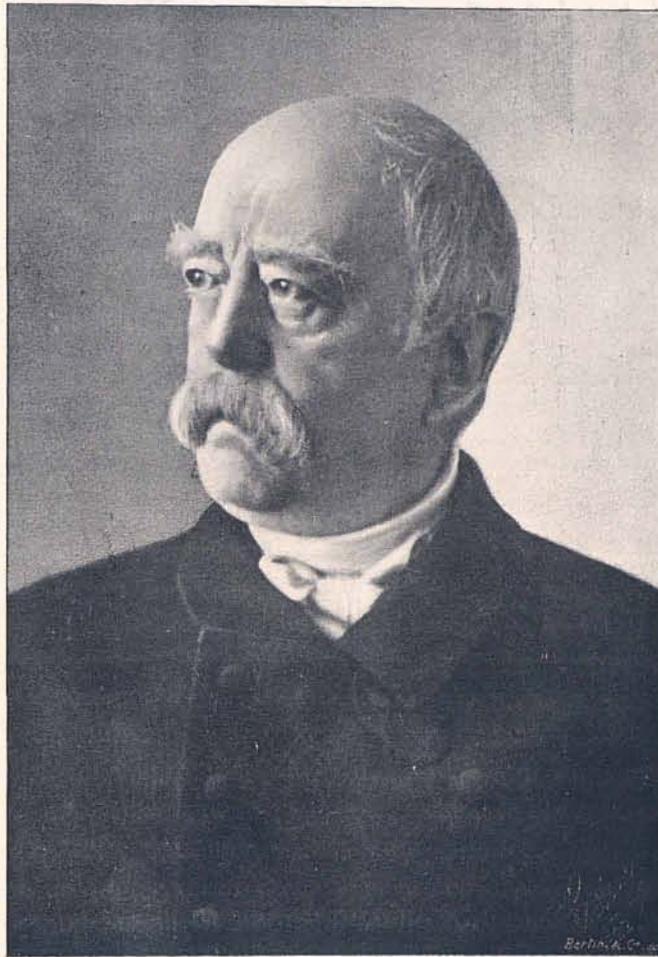
vida extraordinaria, cobrindo com todo o seu vulto grandioso essa Germania que é a sua obra, não aceite o papel ingrato de intermediario entre a nação e a corôa, que deseja simplesmente obter mais alguns encouraçados para a marinha imperial. O politico que fundou reinos e imperios, collocando a grandeza da sua patria ácima de tudo, não desejará coroar o monumento da sua vida por uma combinação intelligente, tendo por unico fim arrancar do contribuinte mais alguns milhões para satisfazer aos caprichos do seu rei.

Homens como esse não se empregam em semelhante trabalho, ainda mais, quando em dias menos difficeis, os seus conselhos foram dispensados. Guilherme II será forçado a procurar outro substituto ao seu actual chanceller, pois o velho Bis-

marck e os seus partidarios, que são legião, não aceitarão de modo algum programmas de governo impostos pelas camarilhas do palacio.

As scenas escandalosas e insolentes de que tem sido theatro a camara austriaca são, um facto unico na vida dos parlamentos europeus. O estado de anarchia e desrespeito é tal, que, ao correr de uma sessão diurna e nocturna que não durou menos de trinta e seis horas, a minoria não cessou de entregar-se a verdadeiros accessos de loucura insultando o presidente e a maioria e, organizando como cumulo de selvageria

um berreiro atoador que muitas suspensões successivas, não conseguiram acalmar. O Sr. Lecher, pertencente ao grupo dos allemães progressistas fallou contra o compromisso austro hungaro durante doze horas, impedindo por esse modo o governo adeantar o menor passo na discussão dessa lei. Durante esse tempo o conde Badeni, primeiro ministro, admiravel de energia e sangue frio, ficou impassivel em seu logar assistindo sem mover-se a este espectáculo verdadeiramente odioso, emquanto que, o presidente e vice-presidente da camara, distinguiram-se por uma calma e paciencia surprehendedoras. A minoria composta quasi exclusivamente pelo partido allemão cheio de odios contra o governo e o primeiro ministro pelas con-



*Otto von Bismarck*

cessões feitas aos nacionalistas do imperio, resolveu impedir por discursos interminaveis e pelo tumulto a discussão e votação do compromisso provisorio entre a Austria e a Hungria.

A segunda sessão realisada dias depois, foi, como a primeira, cheia de lucta, fallando durante horas o burgomestre de Vienna o celebre D<sup>r</sup> Lueger; acabando pela victoria do governo, o que provocou o coroamento do escandalo pelos pugilatos que succederam-se entre allemães e tchecos.

É este um bem triste modo de discutir reformas, e contra elle toda a opinião publica protestou pedindo ao Sr. Conde Badeni todas as providencias para que na segunda discussão d'essa mesma lei não mais se reproduzam essas scenas indecorosas.

M. BOTELHO.



## O ANNEL DOS DORIAS



UTILAVA todo de opalas e de saphiras amontoadas sobre um fundo carmesim, o poente do céu de Napoles ao cair de uma tarde de Março. As alturas de Posilippo destacavam-se n'um recorte de desenho fino e tenue. Uma grande nuvem còr de rosa pairava sobre a massa sombria do Vesuvio, dondè desciam como tentaculos de um pôlvo as fitas de fogo da lava vermelha.

— Em que outro lugar do mundo é o occaso do

os olhos do dardejar dos ultimos raios do sol e esboçando um sorriso :

— Perdi já todo o interesse até pelo sol e pela belleza dos seus occasos... É preciso que o sentimento tenha a còr da paizagem para amal-a. E eu nada vejo còr de rosa. Só uma grande tragedia ou uma paixão sublime pôdem ser interessantes. Ora, eu não tenho na vida nem a tragedia que me interesse nem a paixão que me divirta...

Neste momento a carruagem cruzou outra victoria em que iam um homem e uma senhora. O homem tirou o chapeo, e Dona Concetta e a princeza retribuiram o cumprimento :

— Viste? viste? disse Dona Concetta, apertando nervosamente o braço da Princeza. É a ingleza, a mulher de Pentravino. Ha uma semana que chegaram.

— A mulher de Pentravino?!

— Sim! pois não sabias? Quanto eu e tu nos enganámos com elle!... Pentravino fez uma viagem á Inglaterra e de lá trouxe a mulher. E agora ri quando passa por mim e ella tambem ri! Elle sabe que eu o amava e ella mesmo de-

certo agora tambem sabe! Sabe, com certeza; eu vejo na sua branca e rosada cara atoleimada!

— Como se arranjou o principe Pentravino para casar, se é tão pobre?!

— E tão pobre como elle é a Ingleza. Estão tão mal de fortuna, que tiveram que mandar dividir as casas do Palazzo Pentravino, para alugal-as como



sol bello como em Napoles! exclamava, n'essa tarde, na sua victoria embrazonada, ao sahir para a Chiaia, a princeza Baroldi. Sua companheira de passeio, a joven Dona Concetta Bordalda, ia silenciosa.

— Viste mesmo na Suissa, Concetta, uma paizagem mais bella?

Dona Concetta abaixou o leque com que protegia

apartamentos. No menor d'elles, no quarto andar, entre as chaminés, é que elles vivem.

— Que tólo! que tólo! pensou a Princeza. Desprezar Concetta Bordalba e os milhões do pae para casar com uma estrangeira pobre!...

A carruagem seguia lentamente pela Chiaia e as duas amigas comprimentavam á direita e á esquerda os conhecidos que iam encontrando; d'ahi a pouco os cavallos estacaram deante da porta magnifica do Palazzo Bordalba. A Princeza subiu com a amiga a grande escadaria de marmore, e um

pouco atemorizada por seu silencio, notava com espanto a expressão desusada de seus olhos; mas quando chegaram ao *boudoir* de Concetta, precioso ninho de brocado amarello, que a luz banhava alegremente, ella abraçou Concetta, interrogando-a: « Que ha? de que se trata? Conta-me tua magua »

— Eu o odeio! eu o odeio! exclamou Concetta, repellindo bruscamente a princeza.

E, correndo á janella, afastou rapidamente a cortina de rendas.

— Olha! Olha para aquella sacada. Ha uma semana que diariamente vejo a mesma scena. Oh! quanto eu o odeio!

Além do palacio Bordalba estendia-se um jardim, onde brancas estatuas se destacavam do verde escuro das arvores e do variado colorido das flôres viçosas. Lateralmente era limitado pelas paredes de outro palacio, á mais alta sacada do qual se achavam, n'aquelle momento, um homem e uma mulher, aconchegados, enlaçando elle amorosamente os braços d'ella.

A Princeza reconheceu, ao mesmo tempo, o Principe de Pentravino e a esposa; e voltando-se, fitou a amiga de modo interrogativo.

— É porque eu o amo, disse Concetta; é porque me desprezou, em favor d'ella...

E, em soluços, deixando-se cahir em uma poltrona, continuou:

— Beppo Pentravino e eu fomos amigos desde a infancia, e quando, ha dois annos, voltou do serviço militar, emquanto eu deixava o convento,



pensei... esperei que commigo se casasse. Mas... partiu para a Inglaterra, e de lá regressou... com ella. No baile de Montefiascone, apresentou-me á sua mulher, na qualidade de « velha amiga e companheira de infancia »... Oh! é horrivel! Eu... sua « velha amiga »! Eu que teria cahido aos seus pés, gritando: Beppo, eu te amo! Ella sorria, fallando mal o francez, emquanto elle amorosamente lhe fitava o rosto. E eu sorria tambem, e referia-me a Beppo, ao tempo de nossa infancia, mas, de bom gosto, teria matado a ambos, tão venturosos tão insolentes de felicidade...

Durante alguns minutos só se ouviram no quarto os soluços de Concetta. A Princeza se sentára, silenciosa, estupefacta d'aquella explosão de dôr em sua amiga, tão calma e tão fria, ordinariamente.

« Talvez não comprehendas, dizia Concetta; talvez julgues insensata a minha amargura, porém não podendo mais conter a minha magua, quero tudo dizer-te, pois que és minha amiga. O mundo é cruel para nós, pobres mulheres. A um homem é permitido revelar, indiscretamente, o seu amor por uma mulher; a nós direito identico é negado. E si alguma ousa affirmar que ama, merece logo a accusação de pouco recatada.

— Beppo é um tolo, volveu a Princeza, convictamente. Elle te devia ter escolhido para esposa. Entretanto, si lhe houvesses confessado o teu amor, o seu procedimento não teria sido outro... És rica; elle é pobre... E a sua conducta não pôde ser censurada... Acredita-me, Concetta, é prefe-

rivel viver solteira a ser casada com um homem que não nos ama e que só aprecia em nós a fortuna que lhe damos. » E, gravemente, a Princeza accrescentou :

— Procura esquecer-te.

— Não é facil... Julgas que é pequeno desgosto vê-los felizes ?...

— Porque não te ausentas de Napoles ? suggeriu a amiga de Concetta.

— Tens razão... Devo partir, concordou ella, com subita resolução. Entretanto, é preciso que eu os visite amanhã. Queres vir commigo ?

— Achas prudente ?

— Prudente ?! Não sei ; é, em todo o caso, necessario. Não te parece que lhes devo congratulações pelo casamento ? Iremos juntas ; a teu lado eu me sentirei mais forte.

Tendo-se retirado a Princeza, Dona Concetta tomou uma poltrona junto á janella ; e afastava a cortina, quando, com uma exclamação, retirou da mão esquerda um anel e attentamente começou a examinal-o. No centro uma grande esmeralda estava engastada em uma cravação de fórma quadrangular ; sobre cada lado da pedra, viam-se esmeraldas menores, intercaladas de pequenos diamantes.

Notou de subito Dona Concetta que não havia na esmeralda a luz verde que de ordinario observava ; o fundo da pedra offercia, evidentemente, um tom amarellado. Que significava aquillo ? Examinando cuidadosamente o anel, procurou, por meio de um canivete, abrir a cravação... E sobre um folha de papel que estava sobre a mesa viu cahir uma pequena gotta de um liquido dourado.

Dona Concetta estava aterrorisada. A pedra reluzia agora, como habitualmente... E ella fitava o anel e o liquido, com indefinivel horror. Tomando, então, uma lente, descobriu um pequenino orificio, no ouro, praticado no fundo do engasto. No anel, comquanto espesso, notou sobre a face interna, debaixo da esmeralda central, uma espessura maior.

Evidentemente, era ôco esse espaço... Aquelle anel não a abandonava nunca, e, havia dois annos, lhe fôra dado por seu pae, por occasião de sua sahida do convento. Seu pae, lembrava-se ella perfeitamente — lhe disséra ser uma joia de familia, que tinha outr'ora ornado o dedo de um Doria, o qual, tres seculos antes, desposára uma Bordalba.

Dona concetta rasgou cautelosamente o papel na parte onde estava a gotta brilhante do liquido còr de ouro e, dobrando-o, de modo a não a deixar

cahir, approximou-se de uma cêsta pousada no chão e onde dormitava o seu *carling-dog*. O cãosinho saltou fôra da cêsta fazendo festas e, cheirando o papel que lhe era mostrado, com a linguasinha còr de rosa lambeu a gotta do liquido.

Dona Concetta pallida e anciosa esperava.

O cãosinho saltava-lhe á roda e quiz lamber as mãos de Dona Concetta que assustada levantou-as fôra do seu alcance. O *carling-dog* começou a roçar a cabeça contra o setim negro do vestido ; e de repente estacou, tremeu todo, olhou assustado para Dona Concetta, esticou todo o corpo e rolou morto.

Dona Concetta deu um grito e correu a fechar as portas de quarto.

Assim, durante annos e annos, tinha ella ella usado aquelle anel, trazendo a morte presa na sua mão. Vieram-lhe á memoria todas as historias italianas de venenos e de anneis envenenados. Que teria sido d'ella, se o liquido fatal tivesse extravasado e se o anel lhe tivesse ferido o dedo ?

Abrio a janella do terraço para respirar o ar que lhe faltava. O céu tinha ainda a claridade opalescente da tarde que acabava. Os olhos de Dona Concetta dirigiram-se para o Palacio Pentravino. Na meia claridade viu dous vultos recostados á grade do balcão. Reconheceu o Principe e a Princeza. A Princeza nesse momento afastou-se da grade, e o Principe, detendo-a, curvou-se sobre o seu pescoço, beijando-a longamente a nuca. Dona Concetta deu um grito de raiva e correu para junto da mesa sobre a qual estava o anel.

Approximou-se da janella e, tomando uma agulha, reabriu no interior do anel o pequeno orificio por onde se escapára o veneno. Verificou que ainda havia liquido e durante muito tempo esteve com a lima de aço do seu estôjo de unhas, a limar, limar pacientemente o interior do anel, até deixar adelgada em extremo a chapa d'ouro por baixo do engaste. Recolocou a esmeralda, e, apertando as unhas d'ouro da cravação conseguiu fixar a pedra murmurando : — « Agora, a menor pressão e um pouco de sorte hão de fazer o resto... » — fechou o anel n'uma gaveta e tocou a campainha para chamar a creada que devia ajudar a toilette para o jantar.

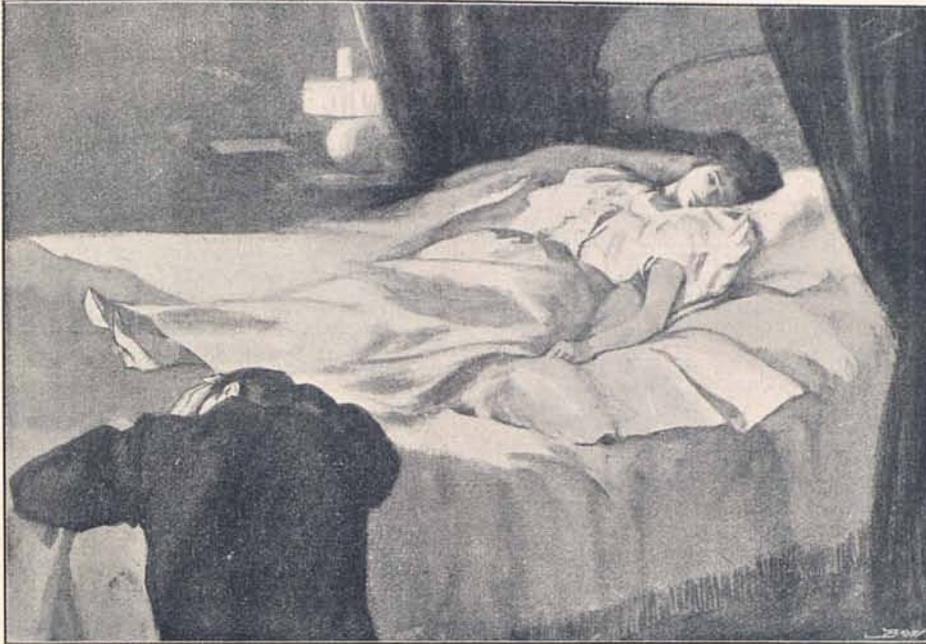
\* \* \*

Na tarde seguinte, a Princeza Baroldi e Dona Concetta foram visitar os Pentravino.

O Principe mostrou-se radiante de felicidade e orgulhoso da belleza e da graça da mulher, cheia

de mocidade, de frescura e de alegria. Depois da troca d'algumas palavras, a Princeza Pentravino levou Dona Concetta para a sala vizinha, para lhe mostrar uma gravura, enquanto o Principe conversava com a Princeza Baroldi.

— Seu marido, disse Concetta á Princeza Pentravino, foi meu amigo de infancia e desejo que o Princeza accete de mim um presente de noivado.



Tomando a mão da Princeza, passou-lhe ao dedo minimo o grande anel de esmeralda. — Veja que lhe vae perfeitamente.

A Princeza agradeceu commovida e, voltando para a sala onde estava o Principe, disse-lhe, levantando a mão em que brilhava a esmeralda :

— Olha, olha Beppo! que esplendido anel deu-me Dona Concetta. Agradece-lhe tu tambem.

A Princeza Baroldi, sorprehendida, não se poude conter e disse : « Concetta!! o anel dos Dorias!!! » O Principe interveiu disse : « Não! isto é de mais, Concetta... »

— Este anel tem uma historia, disse Ella. Data de uns trezentos annos. Beppo porem, é o meu velho amigo e como quero que sua mulher seja tambem minha amiga, não lhe quiz dar senão um objecto de muita estima para mim.

Dona Concetta beijou com carinho a Princeza de Pentravino e, despedindo-se, sahio.

\* \* \*

No dia seguinte pela manhan, soube Dona Concetta que a Princeza Pentravino tinha morrido

subitamente durante a noite. Levada por um impulso irresistivel foi logo ao Palacio Pentravino, subiu aos aposentos do quinto andar e, passando por todas as portas abertas sem encontrar um só creado, chegou até ao quarto da morta. Vestida de branco, com a mesma toilette do jantar da vespera, com que tinha morrido, estava estendida sobre a cama; ajoelhado, debruçado, o Principe escondia o rosto nas mãos.

— Pobre Beppo! Pobre Beppo! dizia Dona Concetta approximando-se do Principe, que entre soluços respondeu ás suas perguntas :

— Hontem tinha eu as suas mãos nas minhas e fallavamos do bello anel que recebera na vespera de presente.

« Parece um anel de Cardeal » disse lhe eu « e devo beijal-o em preito e homenagem » e imprimi os meus labios sobre a esmeralda. Ella retirou a mão dizendo : « Ai! que me magôas!! » e cahio morta.

O olhar de Dona Concetta pousou sobre a mão da morta. Sobre a brancura do vestido a esmeralda brilhava... Beppo vio o olhar de Dona Concetta, e, dando um grito de horror, arrancou do dedo hirto o anel. O dedo tinha uma escoriação na pelle branca e Pentravino vio que o interior do anel tinha asperezas aguçadas. Ia tactear os com o dedo, quando Dona Concetta exclamou aterrada :

— Cuidado! Cuidado!

E o anel rolou sobre o assoalho encerado do quarto.

De repente a luz fez-se no espirito de Pentravino e Dona Concetta, deante do horror que se lhe pintava na physionomia, cahio de joelhos :

— Foste tu que fizeste uma tal cousa!! Porque? Porque? Dize, dize em nome de Deus!!!

— Eu te amava! Eu te amava!

Houve um silencio.

O Principe fóra de si ia matar a desgraçada. Conteve-se a tempo e exclamou :

— Vae-te! Vae-te! Tu não mereces que eu te mate!!

E cahio sobre a cama.

ROBERT.

(Traduzido do magazine *The Ludgate*).

# NOTICIARIO ILLUSTRADO

## O Governador do Klondike.

CONSIDERANDO a crescente importancia do Klondike, o novo Eldorado, do qual mais largamente e muito em breve trataremos, o governo do Canadá enviou á essa localidade o



major Jayme Walsh, com poderes de governador. Á frente da policia de Northwest, da qual foi chefe e organizador, Walsh muito se distinguio em renhidos combates contra os indios, revelando tanta bravura quanta sagacidade. É assim que em toda a região do Canadá é elle, a justo titulo, respeitado como um heróe, sendo ahi recebida com unanime approvação a sua escolha para o penoso cargo de governador do Klondike.

## O proprietario do « The Sun ».

Falleceo ultimamente nos Estados Unidos Carlos Dana um dos mais proeminentes jornalistas americanos.

Nascido em 1819, estreiou, como jornalista, no *Harbinger*, passando a escrever no *Chronotype*, de Boston. Alguns annos depois, tornou-se proprietario da *Tribune*, de Nova York, e organizou a empresa que



Carlos Dana.

tem a propriedade do jornal *The Sun* o segundo em importancia e riqueza em toda a America de Norte.

Durante a guerra civil manifestou a mais viva opposição ao general Grant, cujas operações militares severamente criticou na *Tribune*.

Dana escreveu diferentes obras, entre as quaes convem destacar uma colleção de poemas, cujo numero de edições attesta a importancia do trabalho e o apreço que o auctor merece nos Estados-Unidos.

## O monumento Maupassant no Parc Monceau.

Guy de Maupassant, o inimitavel *conteur*, o romancista applaudido que nos deixou como impereciveis manifestações de seu talento : *Pierre et Jean*, *Fort comme la mort*, *Mont-Oriol*, *Une Vie*, etc., teve a consagração da immortalidade em um busto de marmore inaugurado no Parque Monceau.



O monumento é do escultor Paul Vernet e do architecto Henri Deglane, havendo sido exposto no ultimo *Salon*, onde obteve os suffragios dos que, competentemente, se podiam pronunciar a respeito. A figura principal é de uma pariziense, que abandona, com um gesto de fadiga, um livro, meditando tristemente sobre as paginas que acabou de ler.

Na cerimonia da inauguração o escriptor Emilio Zola, em phrase inspirada e commovida, recordou as primeiras tentativas litterarias de Maupassant, quando, protegido por Gustavo Flaubert, vivia em casa do immortal auctor de *Salammbó*, onde se reuniam Daudet, Goncourt, Tourguenef, entre outros, além de Zola.

A cerimonia findou com a recitação de uma poesia adequada á circumstancia, pela bella actriz Brandès, *sociétaire* da Comedia Franceza.

## O professeur Röntgen.



DAMOS hoje o retrato do illustre sabio allemão Röntgen, o descobridor dos raios luminosos, a que elle deu o nome vago de X, á espera, talvez, de denominação que de modo preciso os caracterise.

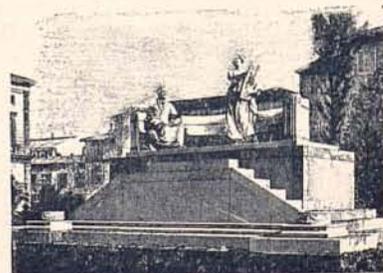
São conhecidas de nossos leitores as applicações maravilhosas que tem tido essa importante descoberta.

Á cirurgia presta diariamente inapreciaveis serviços, revelando lesões internas, fracturas, etc.; e sem levar em conta o seu emprego na avaliação de diamantes, que de prompto distingue dos falsos, lembramos o papel que lhe é attribuido nas alfandegas, nas quaes constitue o terror dos contrabandistas.

## A estatua de Donizetti.

A Caetano Donizetti, o popular auctor da Lucia, erigiu Bergamo, sua cidade natal, um monumento, que se deve a Francesco Jerace, de Napoles.

O pedestal se eleva no meio de rochedos artisticamente dispostos; lateralmente duas ordens de degrãos



conduzem a um grande banco semi-circular em que o compositor está sentado, a escutar os accordes que a

Musa, de pé, junto ao glorioso *maestro*, tira de sua lyra. É Melopéa, a musa dos Italianos, que inspira as obras de genio que se chamam *Lucia*, *Favorita*, etc.

#### O rapto do príncipe de Sagan.

O príncipe de Sagan, um dos elegantes de Pariz, soffrêra, ha alguns mezes, um ataque de paralytia; e em sua *garçonnière* da rua Royale, vivia longe da esposa, da qual se separára, quando, na ausencia do filho mais velho, o conde Helie de Périgord, foi transportado para a residencia da princeza, á rua St. Dominique. Ao regressar a Pariz, o conde de Périgord protestou contra essa violencia, que mais parece um rapto certo de que seu pae, que difficilmente pôde articular alguns sons, não havia consentido n'essa mudança. E o escandalo, que constituiu durante um dia a novidade dos boulevards, foi ter aos tribunaes. O conde, esperando o restabelecimento de seu pae, consente já que esteja



elle aos cuidados da princeza de Sagan, mas exige que lhe seja concedido visital-o todos os dias, ao que a princeza formalmente se oppõe.

Sob o pretexto da grave enfermidade do marido, apenas quer permitir que o conde Hélie o visite duas vezes por semana.

Os tribunaes, dando ao Dr. Brouardel a incumbencia de verificar o estado do príncipe, muito em breve decidirão sobre essa escandalosa questão de familia.

#### O Presidente de Mexico.

CAUSOU natural emoção a noticia do attentado commettido pelo individuo Romero contra a existencia do presidente do Mexico, Porfirio Diaz, de quem damos hoje um retrato.

O actual chefe da republica mexicana tem-se imposto á admiração de seus compatriotas por sua energia e

seu patriotismo. Eleito a 30 de Dezembro de 1884, tem sido por cinco vezes reeleito, tão grande é a con-



fiança que inspira a seus concidadãos.

Nascido a 15 de Setembro de 1830, em Oaxaca, distinguu-se Porfirio Diaz na guerra do Mexico contra os Estados-Unidos, quando contava apenas 17 annos de idade. Foi ministro das Obras Publicas, governador do Estado de Oaxaca, cargo este que occupou até 1884, data de sua primeira eleição.

#### O Poeta da Rainha.

Existe na Inglaterra a instituição dos *poetas laureados* desde o seculo decimo quinto. Com os honorarios de 127 libras esterlinas e uma barrica de vinho Xerez, tem o poeta — que é escolhido pelo rei ou rainha — o encargo unico de compôr duas odes por anno: uma no primeiro dia de Janeiro, outra no anniversario do nascimento do soberano. Foi John Kay, no reinado de Eduardo IV, quem teve pela primeira vez aquelle titulo. Damos hoje o retrato do ultimo escolhido, o poeta Austin, que succede a Tennyson, o qual em 1851 succedêra a Wordsworth. Não foi igualmente bem recebida a nomeação de Austin.



Esperavam muitos que a honra coubesse a Swinburne, considerado

o maior poeta inglez da actualidade; entretanto, asseguram alguns jornaes, Swinburne teria recusado o titulo, se, por ventura, lhe houvesse sido offertado. Os periodicos favoraveis á escolha da rainha Victoria, fazem sobressahir a convicção dos sentimentos monarchicos do poeta, ao mesmo tempo que o seu merito e a sua originalidade de seus poemas, e insistem sobre as suas qualidades moraes. Os jornaes que lhe são adversos, entre os quaes o humoristico *Punch*, duvidam que algum talento possa caber em cerebro tão pequeno, e alludem, com chistosas pilherias ou caricaturas, á diminuta estatura do novo poeta laureado.

#### O maestro Verdi.



VERDI celebrou o 84º anniversario de seu nascimento. Nascido a 10 de Outubro de 1813, em Roncole, perto de Parma, revelou desde a infancia a sua vocação pela arte musical; aos onze annos tocava orgão na igreja de sua aldeia natal, e aos dezoito regia a orchestra do theatro Scala, de Milão, onde foi interpretada a sua primeira partitura « Oberto », quando o compositor contava 26 annos de idade. Foi tão grande o successo de Verdi, que o editor Ricordi lhe offereceu 1.800 *liras* pelos seus direitos de auctor, quantia n'aquelle tempo quasi fabulosa. Pouco depois escreveu *I Masnadieri*, cuja primeira representação se effectuou em Lon-

dres. Longa seria a simples nomenclatura de suas operas, entre as quaes não devemos esquecer *Aida*, *Othello* e *Falstaff*, suas derradeiras composições, a ultima das quaes foi escripta aos 80 annos.

Ha cincoenta annos tem Verdi como residencia favorita a sua *villa* de Santa-Agatha, perto de Busseto. Desposou em segundas nupcias a cantora Strepponi, creadora de sua opera *Nabuchodonosor*.

Muitas obras philanthropicas, inclusive o hospital de Busseto, devem á caridade do velho compositor a sua existencia. Agora occupa-se elle com a fundação de um asylo para os musicos e cantores necessitados.

#### A apotheose de Bismark.

O grande estadista que se chama Otto de Bismarck tem — cousa rara — tido em vida a immortalidade do bronze. Em Cologne conta o « chancellor de ferro » uma estatua. Como si não bastasse para a gloria do illustre principe, Kreuznach levantou-lhe um monumento, trabalho de Hugo Caner, escultor já conhecido por outras obras que têm consolidado o seu renome.

Pouco após a inauguração do monumento citado, Berlim, lamentando, talvez, não bayer dado o exemplo d'esse preito que, em vida, é offerecido a Bismarck, faz erigir em uma de suas melhores praças uma estatua áquelle que foi dedicado amigo e fiel conselheiro do velho Imperador, avô do actual soberano da Allemanha. Esse acontecimento deu ensejo ás mais colorosas e eloquentes manifestações de apreço ao velho chancellor, á modesta habitação do qual chegaram durante muitos dias immumeras cartas e telegrammas de congratuação. Finalmente, a 18 de Outubro, na cidade de



Estatua de Bismark em Berlim.

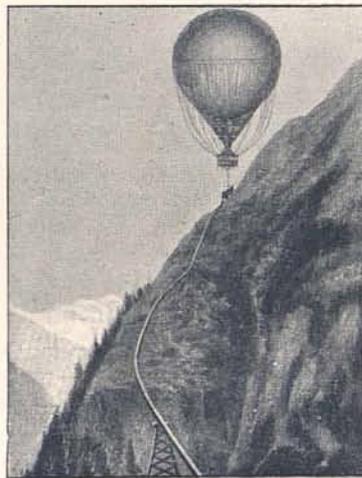
Leipzig foi inaugurado um bellissimo monumento a Bismarck, o segundo que ao eminente estadista a mesma cidade erige como prova de sua

gratidão aos relevantes serviços prestados pelo chancellor á patria alemã.

#### Os aerostatos na Allemanha.

O emprego do balão como motor em caminhos de ferro, nas montanhas, é uma idéa original, que, sem duvida, será por muita gente considerada uma utopia; contudo, decisiva experiencia feita no anno passado em Salzburgo attesta plenamente a possibilidade d'essa applicação, com triumpho para os inventores, Volde-rauer e Brackebusch.

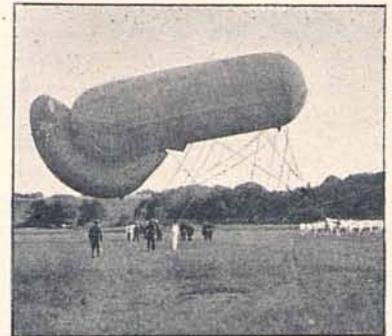
Como mostra nossa gravura, compõe-se o systema de um balão captivo, que sobe e desce adstricto a um trilho em fôrma de duplo T. Na subida representa o balão, em virtude de sua força ascensional, o papel de motor; na descida, porém, actúa, pelo seu peso, um reservatorio d'agua que



O Balão nas montanhas.

acompanha o balão na qualidade de lastro. Ao aerostato está suspensa, para a accommodação de pessoas e bagagens, uma cesta em fôrma de corôa, pela grande abertura da qual passa uma forte corda, ligada ao apparelho-wagon, que se adapta ao trilho por meio de resistentes tenazes. É n'esse apparelho que se acha o mencionado reservatorio, o qual, durante o trajecto, pôde ser facilmente aberto pelo aeronauta. O apparelho e o reservatorio pesam, conjuntamente, 300 kil.; quando o tempo está calmo, enche-se a meio o reservatorio, com 500 kil. d'agua, subindo, então, o peso total a 800 kil. Se sopra o vento, a tensão entre o apparelho e o balão é diminuida pela perda d'agua, calculada pelo aeronauta segundo as conveniências do momento. A oscillação que se produz no peso pelo embarque e desembarque dos viajantes, é regularisada por diferentes lastros, em reserva e em nu-

mero sufficiente nas estações; todo o trajecto é d'esse modo effectuado com o mesmo peso, approximadamente.



O balão de guerra.

Suppõe-se ao balão um diametro de 20 metros, sendo sua força ascensional avaliada em 4.800 kil. O aerostato, a rêde que o circunda, a cesta e a corda pesam 2.100 kil.; a carga constituida pelos passageiros, aeronauta, etc., é calculada em 1.500 kil. Por occasião de tempestades, o systema não funciona; podendo, porém, ser toda a procella annunciada a tempo pelos pharôes, não ha argumento sério, contra a installação dizem os inventores, do caminho de ferro aerostatico. É ocioso acrescentar que são adoptadas todas as garantias possiveis contra os accidentes. Aos engenheiros Volde-rauer e Brackebusch foi dada a concessão para o estabelecimento de seu systema de caminho de ferro na montanha Hochstauffen, situada a pequena distancia de Reichenthal. Os trabalhos de construcção iniciam-se na proxima primavera.

As auctoridades militares da Allemanha empregam uma nova fôrma de balão, da qual muito se espera. O balão ordinario, em fôrma de pêra, offerecia o inconveniente de sua instabilidade; para remediar o mal, diz o « Scientific American », inventou o capitão Parseval um balão, que tem uma fôrma cylindrica, com as extremidades hemisphericas e ao qual adopta um reservatorio de gaz. Quando o aerostato está cheio, a parte anterior se levanta sob a pressão exercida pela atmosphera, e o eixo do balão se inclina, mais ou menos, de 50 grãos sobre a linha horizontal, conservando-se sobre uma superficie parallelá á direcção do vento. O inventor, no intento de conseguir a estabilidade, procurou corrigir desvios que primitivamente se davam no aerostato. Depois de varias modificações, obteve uma estabilidade satisfatoria, tal como a que se pôde alcançar com um balão commum, quando ha absoluta calma atmospherica.

Fizeram-se em Berlim experiencias comparativas, empregando, ao mesmo tempo, o novo systema do capitão Parseval e um aerostato ordinario. Poude-se vêr claramente que o primeiro se conservava, ao descer, inteiramente adstricto a um mesmo plano, enquanto o balão espherico oscillava continuamente.

### Os cães de guerra.

Desde 1888 empregam os batalhões de Caçadores Prussianos os cães de guerra. Uma companhia possúe dois, cada qual aos cuidados de um guia, que o educa, ensinando-lhe a entregar avisos e cartuchos, assim como a procurar os feridos. Habitua-se o cão á mais passiva obediencia, devendo latir quando a isso fór ordenado, a conservar-se quêdo e immovel junto a um objecto qualquer, etc. O guia,



Soldado e o seo cão.

cuja occupação se restringe ao animal que lhe é confiado, ensina-lhe tambem a procurar objectos perdidos. O fim principal do cão é, porém, a entrega de telegrammas ou qualquer communicacão escripta; isso transporta elle preso á colleira de couro. Quanto aos cartuchos, que pôdem attingir a 150, carrega em bolços, e, distribuidos em duas partes iguaes, sobre o dorso. Com essa provisào, procura o obediente animal attingir a linha de atiradores durante o combate, voltando, em seguida, ao seu guia, que novamente o torna portador de outros cartuchos.

Receiava-se que o cão, á procura dos atiradores, fosse ter ás fileiras inimigas, fornecendo d'esse modo elementos ao adversario. Tem-se, porém, verificado que elle só se deixa despojar de sua carga pelos soldados

da companhia e do batalhão a que pertence.

A pesquisa dos homens dispersos ou



Soldado enviando cartas.

calhidos nos campos de trigo ou nas mattas, é muito interessante. Se o cão encontra algum soldado n'essas condições, late desesperadamente, sem repouso, até que alguém venha socorrer o ferido. Se, por qualquer eventualidade, esse auxilio não apparece, elle se apodera de qualquer objecto, tal como o *képi* do soldado, e com esse indicio corre ao ponto em que deixou o seu guia, o qual, comprehendendo a muda eloquencia do cão, segue-o até o logar em que se acha o ferido.

A Allemanha que em assumptos militares nada descuida, aproveitou ultimamente para pôr em practica a utilidade dos seus cães de guerra, a campanha turco-grega. O estado maior de officiaes prussianos que servio sob as ordens do general Edem-Pacha conduzio para o theatro das operações uma matilha de cães dirigidos pelas seus ordenanças que eram naturalmente soldados allemães pertencentes ás mesmas companhias onde os cães foram amestrados. Embora trabalhando em um meio tão differente os intelligentes animaes deram magnificos resultados, provando em muitas vezes possuirem uma exacta noção da importancia do seu papel e da responsabilidade das suas obrigações. O serviço que elles mais seriamente prestaram foi na expedição de ordens entre os officiaes allemães que commandaram as diversas ba-



Soldado dormindo.

talhas e ataques, e os seus compatriotas que se achavam na rectaguarda com Edem Pacha. Nem um só cão

foi morto e nem uma só communicacão deixou de ser recebida; acontecendo muitas vezes que, um dos portadores das mesmas chegasse com grande atrazo ao seu destino em virtude certamente das difficuldades e quem sabe perseguições que o pobre animal soffrera em desempenho da sua arriscada-commissão. Muitas vezes enviados com noticias dos combates e das forças inimigas encontravam elles o caminho invadido de soldados gregos que naturalmente achavam extraordinario esse animal que com uma pequena bolça ás costas fugia a toda a disparada pelo campo de batalha. O relatorio dos officiaes allemães menciona, mesmo o facto de ter um dos cães de guerra em boa amizade com um sargento turco salvo o mesmo soldado de uma morte quasi certa. Durante um armisticio de algumas horas, sahio o mesmo á passear acompanhado de um d'esses ani-



Soldado ferido.

maes, quando uma bala grega atravessando-lhe a coxa atira-o por terra, seguindo-se uma forte hemorragia que o faz desmaiar. O cão volta a galope junto d'um dos soldados allemães, manifestando um tal desasocego que o mesmo se decide a acompanhá-lo pelo animal directamente conduzido ao logar onde se achava em meio de uma maré de sangue o sargento turco. Esse facto por si só é bastante para garantir a verdadeira comprehensão, e a grande confiança que se pôde justamente depositar nesses fieis auxiliares. A especie mais comumente amestrada é uma raça bastarda de cães pastores e perdigueiros, tendo dos primeiros a vivacidade e a bravura e dos segundos o faro e a intelligencia.

REPORTER.

# SPORT

## UMA CAÇADA DE CERVOS NAS MONTANHAS ROCHOSAS

(JOHN B. SPILLY)

**D**os meus amigos, aos quaes revelei o intento de ir caçar o cervo nas montanhas Rochosas, não ouvi palavras de animação nem informações que mais viva tornassem a minha curiosidade de conhecer essa região; meus amigos, entre os quaes devo principalmente citar o destemido caçador Philippe Young, quando



não declaravam extravagante a minha idéa, affirmavam a completa ausencia de cervos nas alturas a que eu supunha poder sorprendel-os. Young, com a competencia que ningnem lhe recusa, e com o apoio de sua experiencia, asseverou-me que, como compensação a tão penosa viagem, eu não teria mais do que o prazer de contemplar as vastas florestas seculares ou os illimitados planaltos sobre os quaes esvoaçam negras aguias em bando.

A despeito, no emtanto, d'essas desanimadoras asserções, não desisti do meu intuito, com uma tenacidade que alguém, com um sorriso que modificava um pouco a crueldade do adjectivo, chamou louca.

Dave, o paciente Dave, para quem não é sacrificio passar um dia, silencioso e solitario, á espreita de um veado, accedeu ao meu convite, não com a promptidão que eu julguei provavel da parte de tão corajoso companheiro, porém com certa hesitação, entre phrases cheias de reticencias, revelando no gesto a nulla confiança que lhe inspirava a minha proposta.

Como antithese ao silencioso Dave, escolli para nosso companheiro de excursão o velho caçador Rolley, alegre e loquaz, o qual, não obstante seus sessenta annos, tem o vigor de um rapaz de trinta, a saúde e a robustez de um athleta. Rolley, com-

quanto não manifestasse o mesmo entusiasmo que outras caçadas lhe suscitaram, accitou, sem fortes objecções, o meu convite.

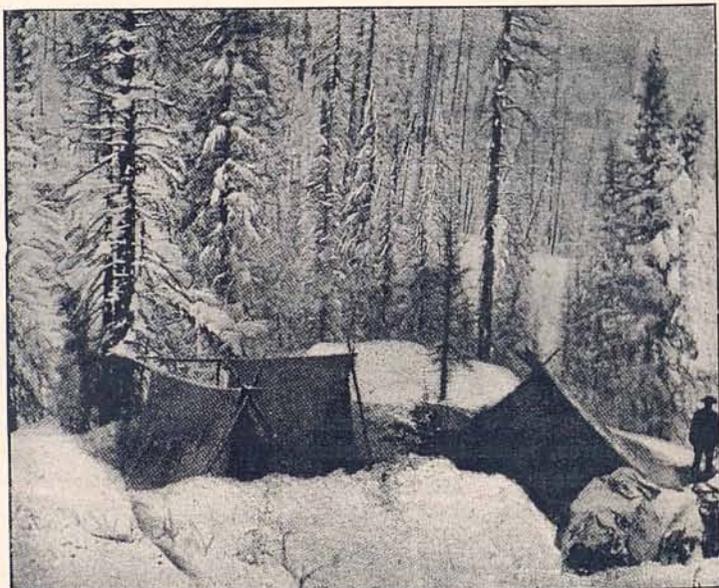
Samuel, meu creado, valente quanto agil em todos os exercicios phisicos, e Pedro, meu cozinheiro, não discutiram a possibilidade da existencia do cervo nas montanhas Rochosas. « Quando partimos? » Foi essa a unica interrogação que me dirigiram, e que me forçou, por assim dizer, a fixar uma data, approvada posteriormente por meus dois outros companheiros.

No dia 20 de Setembro pela manhã, tomámos resolutamente a direcção de Livingstone, despedindo-nos de amigos que zombavam do nosso projecto e de outros que, tristemente, nos apertavam as mãos, como si pela ultima vez nos devessemos vêr.

Após uma noite passada em Livingstone, a derradeira em um ponto civilisado, partimos para o paraíso selvagem que se chama Yellowstone Park.

N'aquella cidade, Samuel e Pedro, já habituados ao genero de excursão que iam emprender, adquiriram tudo quanto nos pudesse ser util, completando nosso material de caça, e enchendo de bolachas e doces seccos as nossas pequenas malas.

Inesperado contratempo surpreendeu-nos poucas horas depois de havermos deixado Livingstone, ás portas da qual fomos, por uma multidão curiosa, estrepitosamente saudados, com os votos de propicia jornada, abundante presa e inalteravel saúde. O contratempo a que faço referencia, foi a neve. De facto, luzia o sol quando trans-





puzemos os limites da cidade, e o céu azul-pallido prenunciava um dia sereno e calmo; foi, portanto, grande nossa surpresa, quando pouco a pouco começou a neve a cair em flocos, que gradualmente aumentavam, formando diante de nós espessa e branca nuvem.

Samuel, de máo humor, murmurava um tanto supersticioso :

— Começamos mal.

— Isto quer dizer que acabaremos bem, acudia, consoladoramente, o velho Rolley.

Horas depois, era tão densa a tempestade de neve, que nós nos viamos seriamente embaraçados na escolha do caminho; além d'isso, nossos animaes escorregavam, atemorizando um pouco a Dave, cavalleiro inhabil, enquanto os cães, sacudindo nervosos as orelhas pendentes, tremiam lamentavelmente sob o açoite do vento que soprava frio e irritante.

Eram 6 horas quando os viajantes em unanime declaração se confessaram fatigados. Procurando um ponto em que mais largamente pudessemos assentar nossas tendas, Samuel e Pedro prepararam, tão bem quanto seria justo esperar, o nosso jantar, a que eu dei o nome de ceia, e a que Rolley, de inalteravel bom humor, chamou simplesmente almoço.

Pela manhã seguinte tivemos o desprazer de verificar que a neve se accumulára á porta de nossa barraca, não havendo cessado de cair durante a noite. Não ousou assegurar que ao espirito de Dave haja acudido a idéa de retroceder; quanto a mim, porém, nutro ainda a convicção de que o silencioso caçador, que, menos do que nunca propenso á palestra, só articulava monosyllabos, não nos abandonou na deserta planicie em que nos acampáramos, pelo receio de ser taxado de medroso. Medo elle não tinha, seguramente, mas a sua fé no successo de nosso empreendimento devia ser nulla n'aquella triste e sombria manhã de inverno.

Marcavam nossos relogios 9 horas, quando a pequena caravana se poz em marcha. Apprehensivos, deixando-nos invadir um pouco pela desesperança, galgavamos collinas, transpunhamos riachos, atravessavamos florestas, até que ás 5 horas da tarde, vencidos pela fadiga, resolvemos parar. Nossa noite foi mal passada. O vento agitava a barraca, e os animaes batiam as patas contra

o sólo, enervados pelo rijo sopro do nordeste, enquanto os cães, tiritantes, escondiam-se sob nossos leitos, sem conseguirem aquecer-se. Mas, pouco a pouco foi cessando a ventania, e, na manhã seguinte, ao abrimos os olhos, fomos surpreendidos pela visita tão inesperada quanto desejada de um raio de sol. Samuel já não murmurava, e Dave, pouco habituado a manifestar pela palavra os seus sentimentos, denunciava a sua satisfação associando uma marcha triumphal.

Com a presteza costumada, Pedro preparou-nos o almoço. E enquanto nós faziamos brilhantes projectos, antegozando o prazer de narrar aos nossos incredulos amigos as peripecias de nossa viagem, entrou na tenda o cozinheiro, a gritar :

— Um cervo! um cervo!

Com extraordinaria rapidez, tomámos nossas carabinas, e chamando os cães, que esperavam os restos do almoço interrompido, partimos na direcção indicada por Pedro.

Effectivamente, ao longe, um ponto escuro se destacava sobre a neve: era o cervo que corria.

Ao galope dos animaes, que, felizmente, já achamos arceiados, chegámos á orla da floresta que limitava nosso horizonte.

Apeiámos; e seguindo as pégadas do animal, saltando com a agilidade de acrobatas sobre grossas arvores que o furacão derrubára, açoitados pelos galhos humidos de neve, fizemos cem ou duzentos metros, silenciosos, attentos, julgando a cada instante ouvir os passos do cervo sobre as folhas ou vél-o entre as arvores que nos occultavam o caminho. De repente, Rolley, que caminhava á nossa frente, parou, e, com um gesto que nos recommendava silencio, indicou um ponto.

— Onde? onde? indagavamos.

Vimol-o, finalmente. Tranquillo, descuidoso, como si nenhum perigo pudesse perturbar a sua vida, o cervo procurava colher um ramo muito verde, cujas folhas tenras e novas seguramente o tentavam. Tres tiros par-



tiram ao mesmo tempo : vimol-o desaparecer. Confiantes, no entanto, na certeza de nosso alvo, não supuzemos que elle houvesse fugido; e dando ordem a Samuel para que soltasse os cães que conservamos presos e que não tinhamos julgado conveniente soltar, descemos ao ponto em que o cervo tinha cahido. Mais difficilmente do que haviamos supposto, pois as arvores derrubadas e os galhos que se cruzavam, oppunham constante obstaculo á nossa marcha, vimos o cervo. Baleado no flanco, elle rolára na neve, a que o seu sangue dava um bello tom roseo.

Não descrevo o prazer, ao carregarmos para a tenda o nosso trophéo, que bastou n'aquelle dia para a satisfação de nossa vaidade de caçadores...

Durante a noite pareceu-nos, a todos, que um animal qualquer rodava em torno á barraca; e pela manhã immediata, verificámos as pégadas de um tigre, sem duvida attrahido pelo cheiro da carne.

As nossas suspeitas foram bem depressa confirmadas, ouvindo, algumas horas mais tarde, um cerrado tiroteio que partia dos lados de uma propriedade a alguns kilometros de distancia do nosso acampamento. Julgámos a principio serem tiros de caçadores que, como nós andavam á busca dos cervos, mas o nosso cozinheiro Pedro, enviado a indagar, trouxe-nos a noticia de que o felino que tinha rodado á noute em volta de nossas barracas, acabava de ser morto muito justamente, ao atacar um rebanho de vitellos.

Transportámos para alguns kilometros mais longe, em um ponto mais alto, as nossas tendas. O dia se passou sem accidente, mas a 25 de Setembro, dispunhamo-nos a sahir, quando Dave avistou um cervo que velozmente descia a montanha. Os cães guiados por Samuel conse-

guiram cercar o animal, soberbo especimen que valeu mais tarde a admiração de quantos conhecem os cervos das montanhas.

No dia seguinte, encorajados pelo successo, fomos acampar ás margens do rio das Serpentes. Dois longos dias se passaram, em vão, na expectativa de um terceiro cervo, e essa conta bastaria, no dizer de meus amigos, « para a nossa gloria ». Mas a 28 de Setembro, os cães, obedientes á voz de Samuel, que os animava aos gritos e com opportuna distribuição de bolachas, atacaram um bando de cinco animaes, quatro dos quaes cahiram sob o fogo de nossas carabinas.

Mas a neve, que havia cessado, recommçou. Durante o dia 29 cahiu continuamente; na manhã de 30, consultando o firmamento sombrio, disse Rolley :

— Não seria excellente idéa voltarmos á nossa pequena aldeia de Fillens? Poderão ainda, á vista de tantas provas, duvidar os nossos amigos de que ha cervos nas montanhas Rochosas?

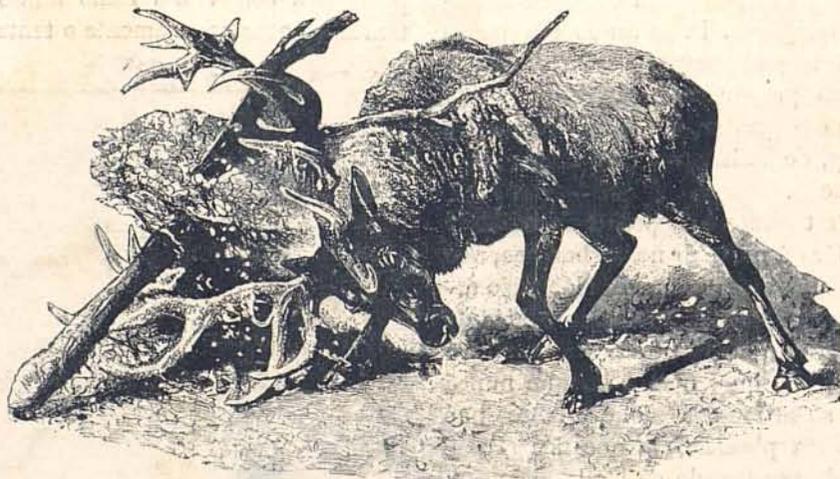
Resolvemos partir.

Grande ovação nos foi feita em Livingstone; e em nossa aldeia, nosso regresso foi motivo para grandes festejos. Philippe Young sentia-se humilhado, porquanto já havia empreendido sem resultado a mesma excursão.

— Escolhi, certamente, uma estação má, dizia elle, procurando consolar-se.

Fizemos-lhe presente da mais bella cabeça de nossa collecção. Young collocou-a em seu quarto. Com o poderoso auxilio da imaginação, poderá sempre suppôr que foi ao tiro certo de sua espingarda que aquelle cervo cahiu entre as arvores gigantescas das montanhas Rochosas.

MARCELLO.



55, RUE D'EPERNAY, 55  
BRUXELLAS

55, RUE D'EPERNAY, 55  
BRUXELLAS

# LEUSSEU FILS & C<sup>o</sup>

*Fabricantes de Armas de Precisão*

Fabrica em Namur  
Belgica

ESTABELECIDOS EM 1874

Fabrica em Namur  
Belgica

Especialidade em carabinas superiores para a caça; carabinas de tres canos, systema Leusseau — Um immenso sortimento de artigos para caçadas, explorações e sport em geral. Cartuchos Leusseau para todos os calibres.

MEDALHA DE OURO  
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO  
DE FRANCFORT

# LUDWIG LEONHARDI

MEDALHA DE OURO  
NA ULTIMA EXPOSIÇÃO  
DE FRANCFORT

ESTABELECIDO NOS ARREDORES DE ZURICH (SUISSA)

EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE CAÃES DE TODAS AS RAÇAS

Montanhezes  
São-Bernardos  
Dogues de Ulm  
Carlindogues  
Dachshund  
ou  
Basset



Dinamarquezes  
Escuros  
e Dinamarquezes  
pintados  
(1<sup>o</sup> premio)  
Caães pastores  
Wolf-Spitz  
e  
Pequenos Spitz

Serviço de expedição de primeira ordem e de toda a garantia para todos os paizes  
Para todas as indicações dirigir-se ao escriptorio da « Revista Moderna »

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

# MABY & C<sup>o</sup>

Successores de RENIER freres

38, Rue du Quai  
ANTUERPIA

Grande sortimento de artigos em couro de proveniencia belga e inglesa. — Especialidade em toda a sorte de artigos para a montaria.

*Sellas RENIER, premiadas em diversas Exposições*

Um completo sortimento de capas e polainas de borracha.  
Sellas mexicanas e mantas de couro pelludo. — Expedição constante para as duas Americas.

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai

# MABY & C<sup>o</sup>

ANTUERPIA  
38, Rue du Quai

# Revista Moderna

PUBLICAÇÃO QUINZENAL ILLUSTRADA

DIRECTOR: M. BOTELHO

COLLABORAÇÃO LITTERARIA DOS MELHORES ESCRITORES DO BRAZIL E PORTUGAL

E ILLUSTRAÇÃO ARTISTICA

DOS MAIS NOTAVEIS DESENHADORES DE PORTUGAL, FRANÇA, INGLATERRA E ALLEMANHA

## CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

### BRAZIL

### FRANÇA

### PORTUGAL

e outros paizes da União Postal.

|                        |         |                        |            |                        |         |
|------------------------|---------|------------------------|------------|------------------------|---------|
| Um anno. . . . .       | 50\$000 | Um anno . . . . .      | 40 francos | Um anno . . . . .      | 10\$000 |
| 6 mezes. . . . .       | 30\$000 | 6 mezes. . . . .       | 24 »       | 6 mezes. . . . .       | 5\$500  |
| Numero avulso. . . . . | 2\$500  | Numero avulso. . . . . | 2 »        | Numero avulso. . . . . | 500     |

A REVISTA MODERNA ASSIGNA-SE E VENDE-SE NAS SEGUINTE CASAS.

### BRAZIL

|                                                                                |                   |                                  |
|--------------------------------------------------------------------------------|-------------------|----------------------------------|
| Rio de Janeiro. LAEMMERT E C <sup>ia</sup> , <i>Rua do Ouvidor.</i>            | Pelotas . . . . . | CARLOS PINTO E C <sup>ia</sup> . |
| São Paulo . . . . . CASA GARRAUX, <i>Rua de 15 Novembro.</i>                   | Santos . . . . .  | WEINMAN ET C <sup>ia</sup> .     |
| Pernambuco. . . . . LAEMMERT E C <sup>ia</sup> , <i>Rua Marquez de Olinda.</i> | Campinas. . . . . | LIVRARIA ESCOLAR.                |
| Pará. . . . . LIVRARIA COMMERCIAL, <i>Rua João Alfredo.</i>                    | Ceará . . . . .   | ALFREDO GENOUX.                  |
|                                                                                |                   | JOAQUIM JOSÉ DE OLIVEIRA.        |

### UNICA AGENCIA EM PORTUGAL

LIVRARIA PEREIRA — 50-54, Rua Augusta, Lisboa

### PARIZ

Escriptorio e Administração  
48, rue de Laborde

LIBRAIRIE NOUVELLE  
Boulevard des Italiens

### LONDRES

ARSENIO PINTO LEITE E C<sup>ia</sup>

11, Queen Victoria Street

AS ASSIGNATURAS SÃO PAGAS ADEANTADAS

## A REVISTA MODERNA

dará um numero especial

de NATAL e ANNO BOM com QUARENTA PAGINAS de texto

E ILLUSTRAÇÕES COLORIDAS

Rogamos aos nossos assignantes que, por um desvio do correio, não recebam a *Revista*, a reclamem aos nossos agentes nos respectivos Estados.

## ALMANAK MODERNO

Por todo o mez de Dezembro será exposto á venda em Portugal e no Brazil esta interessantissima e artistica publicação edictada pela *Revista Moderna*.

“O ALMANAK MODERNO” formará um livro de trezentas paginas, nitidamente impresso em excellente papel e com duzentas gravuras de actualidade, arte, viagens, retratos de celebridades, etc., etc.

“O ALMANAK MODERNO” será enviado gratuitamente aos assignantes da *Revista*.

# REVISTA MODERNA

SUPPLEMENTO MENSAL DE MODAS

~ O Supplemento de Modas da REVISTA MODERNA é um resumo mensal dos melhores jornaes de Modas de Paris. As possas amáveis leitoras, têm assim a certeza de encontrar no nosso supplemento tudo o que a suprema elegancia da Moda Parisiense cria de mais novo e de mais bello.



I. — Vestido em tulle bordado de guipure. A saia com pouca cauda é forrada de setim branco. O corpete, em forma de *blouse*, é ornado d'um *fichu* de guipure. Gravata de gaze de seda e *jabot* de renda. Cintura de setim e mangas em tulle bordado.

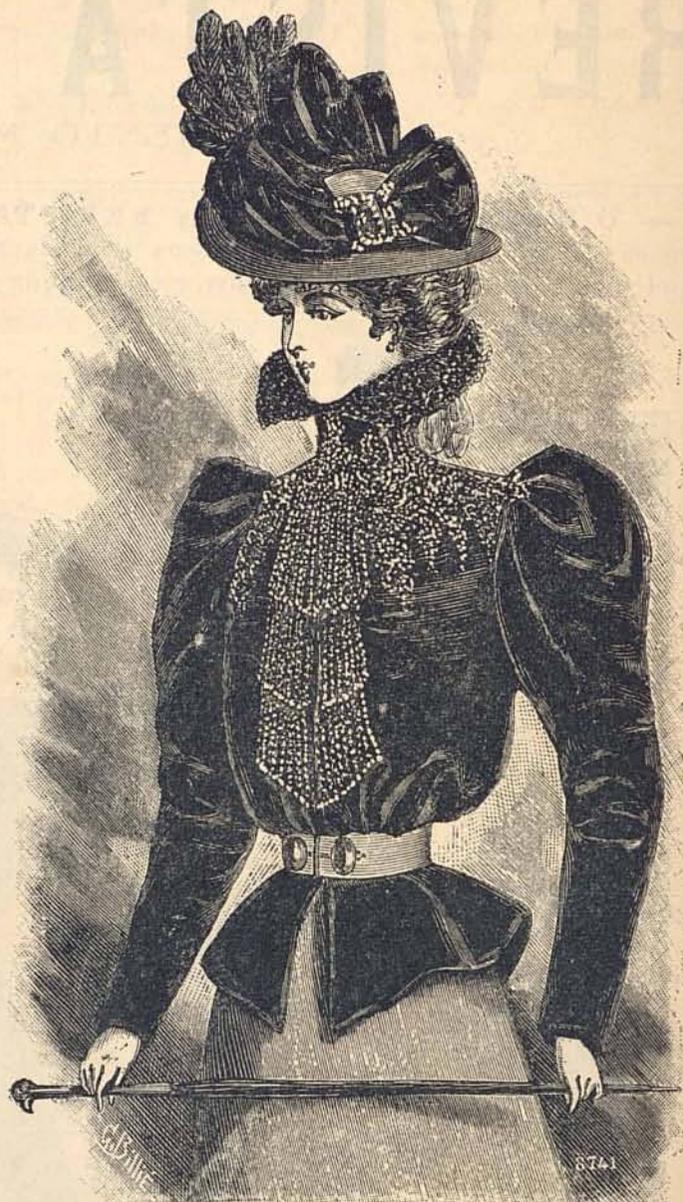
II. — Vestido em crepon de seda preta, em forma de *blouse* franzida na cintura. *Fichu* do mesmo tecido, formando pregas nos hombros e guarnecido de um pequeno folho. A gola e o *papillon* do peito bordados a *jais*. Mangas justas com punhos de renda.

III. — Vestido em tulle bordado de branco sobre um fundo de seda cõr de rosa; corpete ajustado, cintura em crepe da China branca e franjada. Mangas justas com pequenos *jockeys* bordados. Punhos e collarinho de renda.



Chapéu em drap verde ornado de uma pluma d'abestruz branca — Veu em fina renda branca — Boa de plumas de abestruz.

Do jornal parisiense "Mode du Journal".



Veste-Blouse em velludo preto ou de côr, apertada por um cinto em couro de Russia, com dois botões phantasia. Guarnição de jais formando *empiècement* com franjas de jais caindo na frente. Gola forrada de astrakan. Mangas justas, laço de setim, atraz. na gola — A Veste-Blouse é forrada de setim,

Chapéu em feltro cinzento, ornado de uma draperie em velludo de côr ou preto, fixada ao lado par uma fivella phantasia — Pennas *cousteaux* do lado direito.

Do jornal parisiense "La Mode de Style".



Manto para Menina de 6 annos (Frente e costas) em panno azul marino, verde russo, etc. com duas pregas adeante e duas pregas nas costas, ajustado dos lados e peitilho bordado de trança de velludo preto. Ferrado de flanella escoceza.

Chapéu en feltro beige ornado de uma *torsade* e laço de velludo azul marino e d'uma *crête* plissée em tafeta furta-côres azul cinzento. *Aigrette* branca.

Do jornal parisiense "La Mode de Style".

Vestido de lã bege — Agaloadé com um biez do mesmo tecido — Blouse simples — Cintura em velludo mordoré — O corpete è acolchetado, ao lado, invis-



velmente e aberto na frente em duas fendas sobre fundo de velludo — Estas duas fendas são guarnecidas de alamares de galão.

Do jornal parisiense "La Mode du Journal".



Chapeu canotier en feltro vermelho, ornado de coques de velludo glacé vermelho ou preto e de plumas pretas.

Do jornal parisiense "La Mode de Style".



Manto para Menina de 6 annos (frente e costas) — Em panno vieux rouge ou outras côres, com largas pregas separadas por outras mais estreitas, e um empiècement cortado em ponta atrás e adeante e formando dalmatica sobre os hombros — Mangas bordadas nos punhos.

Chapeu em feltro cinzento, ornado de laços de fita vermelha e de pennas pretas formando aigrette.

Do jornal parisiense "La Mode du Journal".

**Toque de visita** em veludo *miroir* azul. *drapé* em volta e ornada adiante de duas azas de faizão.



**Chapeo** em feltro castor, levantado ao lado sobre *choux* de pelúcia azul turqueza, *drape*rie de velludo castor em torno da copa.



**Vestido em velludo persa castor** guarnição de *Chantilly* preta. Mangas em pregas.



**Vestido para menina.** Este vestido é em muselina sobre fundo de tafeta *églantine* — Cintura em seda da mesma cor.



# MUSICA PARA PIANO

NOVIDADES DE MAIOR SUCESSO

|                                                                  | Liq. |
|------------------------------------------------------------------|------|
| CLÉRICE (J.). Ségovie, Dansa hespanhola . . . . .                | 1 70 |
| CAMILLE ERLANGER, Serenata carnavalesca. . . . .                 | 2    |
| GALLÉOTTI (C.). Valsa melancolica . . . . .                      | 1 70 |
| GUIRAUD e SAINT-SAENS. FREDEGONDE, Aria do bailado nº 1. . . . . | 4    |
| HAAKMAN (G.). Pendant le bal, Intermezzo-valsas. . . . .         | 1 70 |
| LACOME (P.). Berceuse . . . . .                                  | 1 35 |
| MARÉCHAL (H.). Desdemona adormecida . . . . .                    | 1 35 |
| MULDER (J.). Napolitano, Tarantella . . . . .                    | 1 70 |
| PESSARD (E.). Les Guêpes, Aria do bailado . . . . .              | 2    |
| — La Tzigane, Mazurka . . . . .                                  | 2    |
| PFEIFFER (G.). Chœur des fileuses de KERMARIA . . . . .          | 1 70 |
| — Musette et biniau . . . . .                                    | 1 35 |
| SALVAYRE (G.). Albanaise, Dansa. . . . .                         | 2    |
| SOMA (J.-B.). La Fiesta de los niños, Bolero . . . . .           | 1 35 |
| WITTMANN (G.). Marche du Figaro . . . . .                        | 1 70 |

O catalogo é enviado FRANCO DE PORTE

Pariz. PAUL DUPONT, Editor, 4, rue du Bouloi.

REDACÇÃO  
19, Boul.  
Montmartre  
PARIZ

Do meio dia  
às 4 horas.

ASSIGNATURA  
de um anno  
França. . . 20 fr.  
Estrangeiro . 22 fr.

## LE BRÉSIL



ADMINISTRAÇÃO  
19, Boul.  
Montmartre  
PARIZ

Do meio dia  
às 4 horas.

ASSIGNATURA  
de um anno  
França. . . 20 fr.  
Estrangeiro . 22 fr.

# LE BRÉSIL

17 ANNOS DE EXISTENCIA

Numero avulso : 50 centimos.

LE BRÉSIL acha-se á venda, em Pariz, nos kiosques de jornaes, em frente ao Grand-Hôtel.

## MESSAGERIES MARITIMES

Paquetes Postaes rapidos  
FAZENDO SERVIÇO REGULAR  
ENTRE A FRANÇA, PORTUGAL  
E BRAZIL



## MESSAGERIES MARITIMES

Duas partidas por mez  
PARA LISBOA E RIO DE JANEIRO  
PARA PASSAGENS E INFORMAÇÕES  
1, Rue Vignon, PARIS

## CASA AMME ARMAND

SUCCESSOR  
6, rue de la Chaussée-d'Antin. 6

PARIS

VESTIDOS E MANTOS  
PELLES

ARTIGOS DE FANTASIA  
PARA SENHORAS

ENXOVAES  
ROUPA BRANCA



Esta casa é principalmente conhecida por vender artigos de muito gosto e por possuir como freguezia a alta sociedade hespanhola e americana



OS MAIS SOLIDOS

OS MAIS LEVES

OS MAIS RAPIDOS

OS MAIS BARATOS

Agencia Geral : 30, Cordeny-Street, Londres.

Le Gérant : E. LANCE

# MAPLE & C<sup>IA</sup>

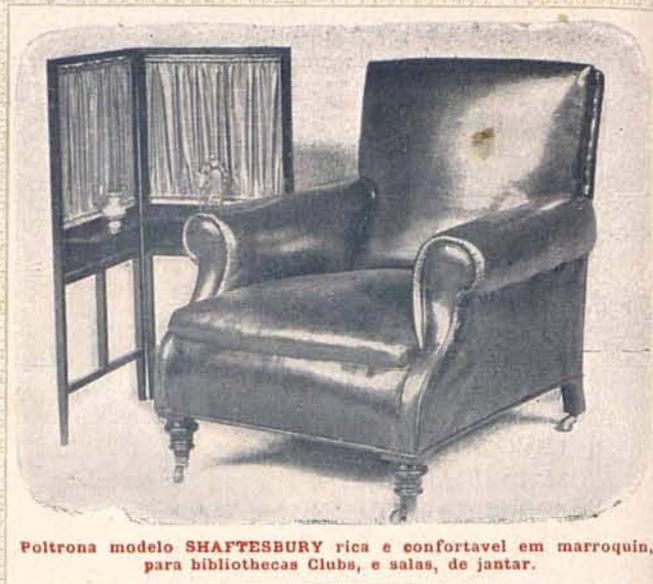
O MAIOR ESTABELECIMENTO DE MOVEIS DO MUNDO

Com o capital de dois milhões e quinhentas mil libras

Executa-se com a maxima promptidão todas as ordens recebidas

TOTTENHAM COURT ROAD  
Londres

CASA FILIAL EM PARIS, RUE BOUDREAU



Poltrona modelo SHAFESBURY rica e confortavel em marroquin, para bibliothecas Clubs, e salas, de jantar.

## MAPLE & C<sup>IA</sup>

A CASA FILIAL DE PARIS

Acha-se situada na rua Boudreau

Perto da Opera, no centro de Paris

Exposição permanente de grande quantidade de moveis inglezes, todos de primeira ordem e fabricados por

## MAPLE & C<sup>IA</sup>

O gerente e pessoal da casa de Paris, terão o maior prazer em fazer visitar esta exposição, dando aos interessados todas as informações necessarias quanto á compra e expedição dos moveis que se acham em deposito.



Modelo de Aparador de superior fabricação inglesa

## MAPLE & C<sup>IA</sup>

Rua Boudreau

PARIS

EXPOSIÇÃO DE PRIMEIRA ORDEM

Mobílias inglezas  
Aparadores  
Estantes  
Quartos de dormir  
Gabinetes de Trabalho  
Mesas diversas  
Poltronas  
Sophas  
Camas — Cortinas  
Tapetes  
PRIMEIRA QUALIDADE  
Preços reduzidos

### POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo PANSHANGER rica e confortavel, em marroquin, para salas de jantar, bibliothecas e Clubs.

### MAPLE & C<sup>IA</sup>

Paris

Poltronas

Cadeiras

de

Escriptorio

Conversadeiras

Chaises-longues

celebres

em

todo o Mundo

### MAPLE & C<sup>IA</sup>

### POLTRONAS INGLEZAS



Poltrona modelo WELLESLEY commoda, superior e confortavel, propria para salas de jantar, bibliothecas e clubs.